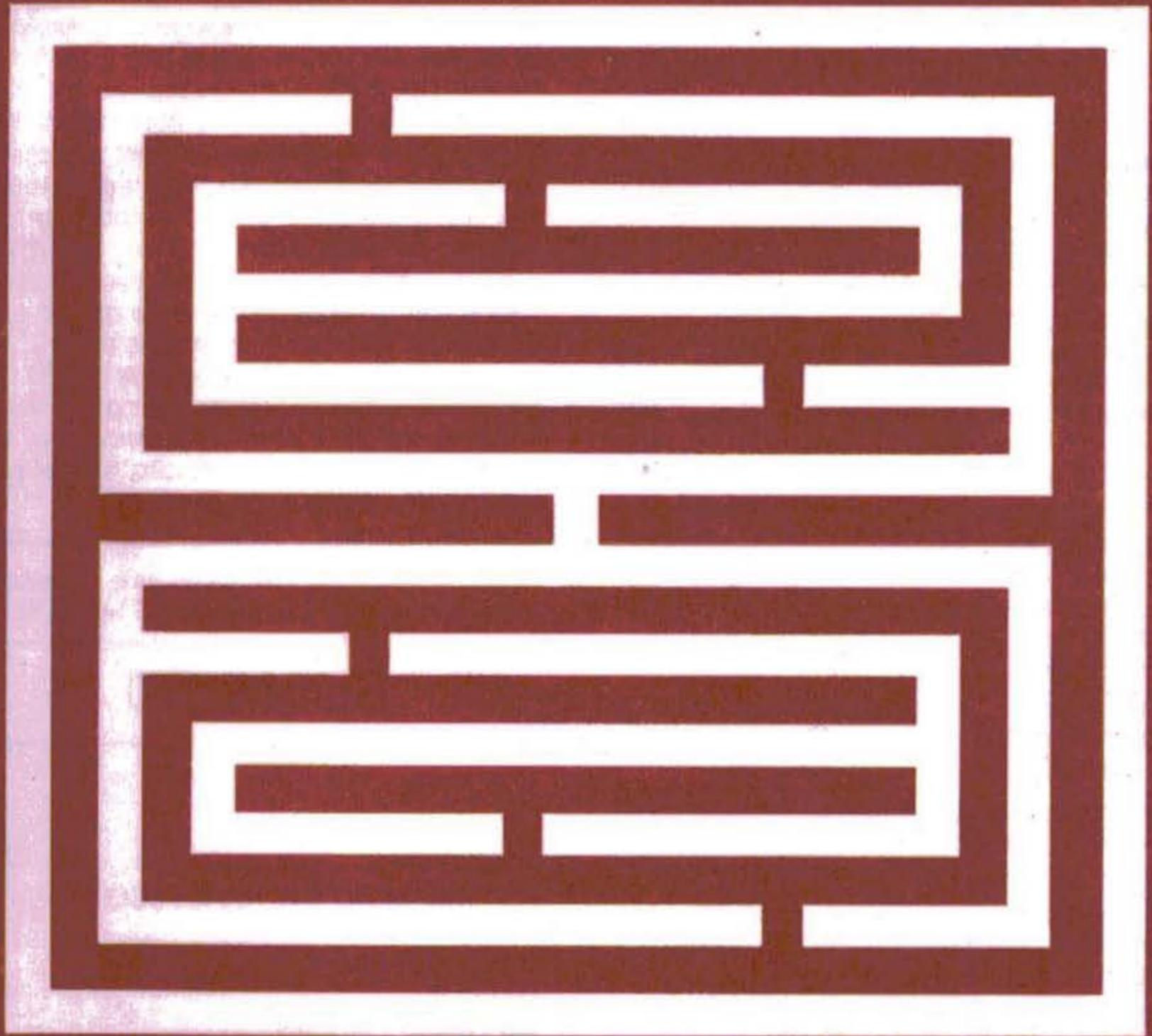


# convergência

JUN — 1989 — ANO XXIV — Nº 223



- 
- **A FORMAÇÃO DO RELIGIOSO DEVE TER EM VISTA A SABEDORIA DO CORAÇÃO** — João Paulo II — página 259
  - **RESISTÊNCIAS À EXPERIÊNCIA DE UNIÃO COM DEUS**  
Pe. William A. Barry, SJ — Página 311
-

## CONVERGÊNCIA

Revista da  
Conferência  
dos Religiosos  
do Brasil: CRB



**Diretor-Responsável:**  
Ir. Claudino Falquetto, FMS

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima, SDB  
(Reg. 12.679/78)

**Equipe de Programação:**  
Pe. Atico Fassini, MS  
Pe. Cleto Caliman, SDB  
Ir. Delir Brunelli, CF  
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

**Direção, Redação, Administração:**  
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

### Assinaturas para 1989

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea .....	NCz\$ 19,85
Exterior: marítima.....	US\$ 38,00
aérea .....	US\$ 48,00
Número avulso .....	NCz\$ 1,98

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

**Composição:** Linolivro S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

**Fotocomposição:** Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

### Nossa capa

Quer ser, figurativamente, o esboço da idéia de um labirinto, ou seja, coisa confusa, enigmática, enredada, tortuosa. Examinando, verá: este nosso destaque seletivo, mais do que arte, é artifício. Convergência é a revista da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL. E a CRB objetiva promover e animar a Vida Religiosa. Com generosidade semântica e imaginária, Você descobre, então, que o pensamento pressuposto como subjacente nesta figuração mental e em seu encadeamento com CRB, suas finalidades entitativas

e CONVERGÊNCIA é este: se a Vida Religiosa, humanamente, pode se aparentar com um labirinto, a CRB e sua revista querem apontar na direção da saída. As ciências, como parte da solução, enriquecem e aliviam a VR mas não a livram de navegar, na escuridão, pois nunca tornam o seu REAL plenamente transparente à razão. Há uma irreduzibilidade sem haver incompatibilidade. A VR envolve mistérios mas não comporta nenhum fantasma irreal ou impossível. Para quem tem FÉ, o próprio mistério engrandece a razão. A obscuridade tem sempre algo de grandioso. Pelos caminhos humanos da VR, quando iluminados pela FÉ, vão se formando linhas de predominância que dão ao enredado a direção dos fios e mapeiam os pontos referenciais que indicam a força de um projeto em sua globalidade e o tropismo imbatível para a luz da saída. Convergência, em 1989, quer lhe ajudar nesta perspectiva, aprofundando e ampliando a certeza de que só pela FÉ se pode abraçar as prepostas da Cruz, as aporias do Reino e os paradoxos da VR. Só pela FÉ se pode manifestar paz na consciência do mistério e serena convivência com ele. Deus confirme, com sua bênção, nossos propósitos (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

## SUMÁRIO

EDITORIAL.....	257
A FORMAÇÃO DO RELIGIOSO DEVE TER EM VISTA A SABEDORIA DO CORAÇÃO	
João Paulo II .....	259
INFORME DA CRB .....	262
O POBRE, SUJEITO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO	
Pe. Rogério I. de A. Cunha, SDB.....	276
MEIOS DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVOS E EVANGELIZAÇÃO POPULAR	
Pe. Anacleto Ortigara, MS .....	294
RELIGIÃO: FATALISMO OU COMPROMISSO?	
Pe. José Luiz Cazarotto, SVD .....	304
RESISTÊNCIAS À EXPERIÊNCIA DE UNIÃO COM DEUS	
Pe. William A. Barry, SJ .....	311

## EDITORIAL

Pentecostes e Igreja se interpenetram. O Senhor Jesus partiu mas enviou seu Santo Espírito. Nesse dia a Igreja se fez corpo. É seu "dies natalis", na expressão de muitos teólogos. E não será o Espírito como que sua alma, como a tradição o diz? Pobre corpo para tão divino Espírito! No entanto, é essa a mediação de que o Cristo lançou mão para realizar seu desígnio. Na verdade, a comunidade pneumatológica não é outra que a jesuânica. Os mesmos discípulos, provincianos, simples, pé-no-chão. Rudes e curtos de entendimento. Ambiciosos e carreiristas até, já havia no meio deles. Medrosos, fujões, traidores na hora do cerco.

Plenos da fortaleza do Espírito, porém, ali estão agora. "Estavam todos reunidos no mesmo lugar" (At 2,1s). Desde a partida do Senhor aliás, reuniam-se eles, unânimes, perseverantes na oração, com Maria no meio deles (At 1,14). É! O dinamismo essencial da comunidade ali está. O grupo dos Doze aprendia a ser comunidade de vida, na fé e na esperança da promessa do Cristo. Formava-se assim, para ser a nova tenda para a habitação do Espírito. Por ela os discípulos encontravam força para não esquecer e abandonar o Mestre. Por ela, se educavam e encorajavam para assumir a missão.

Não será isso mesmo a Igreja? Não é isso que permanentemen-

te deveria ser? Comunidade dos discípulos de Cristo, orgânica e organizada sim, renitente e pecadora também, mas impelida sempre pelo Mestre a se superar, a se formar permanentemente como comunidade de fé, e assumir coerentemente a missão. Sem a vivência dessa essencial dimensão comunitária a Igreja não passará de um agregado informe de pretensos fazedores da verdade, excêntricos tagarelas de uma Palavra que não lhes pertence porque não passou a ser vida de sua vida. É em comunidade que os discípulos se preparavam para a vinda do Paráclito. Somente como comunidade de vivência da Palavra a Igreja viabilizará, não o retrocesso conservador que estagna e mata, mas o novo da vida que o Espírito do Senhor, como que em gemidos, e apesar de tudo, vai suscitando.

"Apareceram-lhes então línguas como de fogo... sobre cada um deles, e todos ficaram repletos do Espírito Santo" (At 2,3.4). Sim, os Doze, embora Pedro ali estivesse, o mesmo a quem Jesus constituiu pedra de apoio para firmar a todos na fé, os Doze, símbolo e síntese do novo Povo de Deus, são o endereço do dom do Espírito. Ele é a alma desse novo Israel. Sem exclusivismo. Não é a alma do pé tanto quanto da cabeça? Ali há, sim, distinção de funções, de órgãos de mediação, de ministérios ou serviços,

mas para que o corpo, em todas as suas juntas e sistemas, transpire transfigurado a vida do Espírito, na unidade da caridade. Ao longo da história, a Igreja sempre foi incorrigível aprendiz dessa dinâmica do Espírito, na tessitura da vida de comunidade dos discípulos do Cristo Jesus.

“E começaram a falar... conforme o Espírito lhes concedia...” (At 2,4). O fruto, a Palavra anunciada, é o resultado da floração de sua vivência pela força do Espírito, na comunidade eclesial. É a Vida que explode do seio em que se aninhou: a comunidade. E a transformou em missionária, semeadora de Vida. A Palavra assim, não é tagarelice mas testemunho. Testemunho que a todos os membros da comunidade eclesial cabe dar. Sem exclusivismo aqui também. Para além de títulos e funções em vista do bem comum, ela, a Palavra, pertence a todos. Dela todos devem viver. A ela todos devem anunciar, por sua vez e voz. Cristãos leigos e Pastores. E Religiosos também, para quem o Projeto PALAVRA-VIDA deveria ser como que um novo Pentecostes. Para superação do velho e caduco, alheio ao Evangelho. Para renovação da própria Vida Religiosa, segundo o Evangelho.

A multidão acorreu e ficou perplexa, pois todos ouviam, apregoadas em sua própria língua, as maravilhas de Deus (At 2,6.11). Quando a Palavra passar por nossos lábios, lábios de clérigos ou religiosos, de cristãos leigos, porque antes se instalou e germinou nas entranhas de nossa vida, as maravilhas acontecerão. O povo entenderá. Maravilhado. Porque entende a linguagem do viver, a que Deus mesmo usa. E aderirá. A comunidade se fará, crescerá em estatura, sabedoria e graça, no Senhor.

**CONVERGÊNCIA** tem a alegria de apresentar a seus leitores:

— “O pobre, sujeito da Nova Evangelização”, de Pe. Rogério Ignácio de Almeida Cunha, SDB;

— “Meios de comunicação alternativos e evangelização popular”, de Pe. Anacleto Ortigara, MS;

— “Religião: fatalismo ou compromisso?”, de Pe. José Luiz Czarotto, SVD;

— “Resistências à experiência de união com Deus”, de Pe. WILLIAM A. BARRY, SJ.

**Pe. Atico Fassini, MS**

---

“Felizes os que não viram e creram”, Jo 20,28. Frente à Palavra de Deus, CRER naquilo que se lê e LER para ampliar e aprofundar o que se crê (Pe. Marcos de Lima, SDB).

# A FORMAÇÃO DO RELIGIOSO DEVE TER EM VISTA A SABEDORIA DO CORAÇÃO

**João Paulo II**

Roma, Itália

De 29 de novembro a 2 de dezembro, a Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares realizou a sua Assembléia Plenária, tendo por tema principal "A formação nos Institutos religiosos". Antes de concluírem os seus trabalhos, os participantes foram recebidos em audiência pelo Santo Padre, na manhã de 1 de dezembro, o qual lhes dirigiu o seguinte discurso:

Senhores Cardeais

Venerados Irmãos no Episcopado  
Revmos. Superiores-Gerais

1. A todos vós, uma saudação cordial. Agradeço-vos a vossa visita, por ocasião da vossa Congregação Plenária, na qual estais a tratar da "formação nos Institutos religiosos".

Agradeço ao Cardeal Jerônimo Hamer as palavras de introdução a este Encontro. Congratulo-me pela

escolha do tema da vossa Plenária que é muito importante. É necessário, com efeito, sublinhar que a formação do Religioso deve ter em vista, de modo especial, a *sabedoria do coração*, aquela sabedoria, dom do Espírito, que o torna verdadeiramente íntimo do Senhor e profundo conhecedor da sua vontade. Esta sabedoria contribui muito mais para a salvação do mundo do que o multiplicar-se de atividades exteriores não animadas por esse espírito sobrenatural.

O olhar de muitos dos nossos contemporâneos está voltado — e justamente — para as tristes condições de vida de tantos seres humanos a quem falta o mínimo necessário para a vida, e por conseguinte para as intervenções urgentes e necessárias requeridas pela justiça e pela dignidade do homem. Ora, sem negar a oportunidade e a necessidade, em situações particularmente graves, do empenho dos Religiosos neste vasto campo da solidariedade humana, é preciso ter presente que a característica própria da missão da pessoa consagrada é — como diz o Concílio — a de

---

In *L'OSSERVATORE ROMANO*, ano XIX, nº 51, de 18 de dezembro de 1988, p. 5.

manifestar "a todos os fiéis os bens celestes, já presentes neste mundo, de melhor testemunhar a vida nova e eterna, adquirida com a redenção de Cristo, e de melhor preanunciar a ressurreição futura e a glória do Reino celeste" (cf. Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 44).

2. Todos vós conheceis quanto o papel dos Superiores religiosos é importante e insubstituível, especialmente dos Superiores maiores, na formação dos membros dos seus Institutos. São eles, de fato, que admitem os candidatos e escolhem os formadores qualificados. Eles devem também promover a redação do programa de formação (*ratio institutionis*) e do plano de estudos (*ratio studiorum*) nos termos do direito. Recebem a profissão religiosa dos noviços e dos professos; proporcionam aos professos de votos perpétuos "os meios e os tempos necessários" (Cân. 661) para que "prossigam com cuidado a própria formação espiritual, doutrinal e prática" (*Ibid.*).

A enumeração destes deveres parece-me, por si mesma, bastante eloquente para me dispensar de insistir mais sobre estes importantes aspectos.

3. Disto resulta evidente que a tarefa do formador — e em primeiro lugar do Superior — necessita de uma *preparação adequada*. Mais do que na qualificação técnica ou profissional é preciso insistir — e sabê-lo — nos valores espirituais. Só aqueles que são iluminados e sábios podem de fato formar os sábios. O encargo do formador pressupõe, além disso, atitudes hu-

manas não comuns, e um conjunto de qualidades espirituais que possibilitem "construir uma comunidade fraterna em Cristo, na qual se busque e se ame a Deus antes de tudo" (Cân. 619).

É importante, além disso, cuidar atentamente da *escolha e da preparação dos formadores*. A missão por eles exercida, de fato, é particularmente delicada. Exige respeito pelas pessoas, atenção, firmeza e uma compreensão iluminada.

O vosso Dicastério já ofereceu a este propósito orientações precisas, com o documento sobre a *dimensão contemplativa da vida religiosa*. Faço votos por que elas sejam objeto de reflexão por parte dos Superiores dos Institutos, para delas tirarem utilidade para a própria tarefa.

4. No ciclo de formação para a vida religiosa, os *inícios* merecem particular atenção. Antes de mais, para que a ela sejam admitidos só aqueles candidatos que possuem as qualidades requeridas, que hão de proporcionar o pleno proveito da mesma. Vista a situação dos jovens de hoje e as falhas que não raro se verificam nas instituições familiares e escolares, nem sempre é fácil encontrar reunidas todas as qualidades requeridas. Podem ser admitidos ao noviciado, portanto, os jovens que tenham dado prova de certa maturidade do ponto de vista dos conhecimentos religiosos, da prática sacramental e do comportamento ético.

Os Superiores dos Institutos não deixarão de prover também a uma boa organização da *formação per-*

manente dos seus Religiosos. Desejo então repetir aqui quanto eu já disse aos Religiosos do Brasil: "Impõe-se, portanto, a todos os Institutos religiosos programar e realizar um plano adequado de formação permanente, para os seus membros. Um programa que não vise somente a formação da inteligência, mas de toda a pessoa, principalmente *na sua dimensão espiritual*, para que todos os Religiosos e Religiosas possam viver em plenitude a própria consagração a Deus, na missão específica que lhes foi confiada pela Igreja (*Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, IX, 2, 1986, p. 251; cf. *L'Oss. Rom.* em português, de 3 de agosto de 1986, pp. 1 e 3).

5. Não posso esquecer, ademais, a formação dos Religiosos dedicados à *contemplação*. À sua fecundidade espiritual e apostólica no seio da Igreja é grande, proporcionada à radicalidade do dom total de si ao Senhor. Mas, para que esta fecundidade possa ser compreendida e vivida por cada um deles, é necessária uma formação apropriada, que seja ao mesmo tempo doutrinal, litúrgica e ascética, sem falar do equilíbrio humano, sobretudo psicológico, requerido pela estabilidade da sua vida, da sua separação permanente do mundo exterior e dos tempos prolongados que devem dedicar à oração e ao estudo.

6. Enfim, faço referência à *fundação de novos Institutos* e à formação ministrada aos seus candidatos. O vosso Dicastério, em cola-

aboração com a Congregação para os Bispos, publicou um documento significativo, que já deu muitos frutos e é chamado a exercer uma influência duradoura nas mútuas relações entre os Bispos e os Religiosos, numa Igreja considerada como "comunhão orgânica" (*Mutuae Relationes*, 5).

Este documento fornece, para a fundação de novos Institutos, critérios seguros e diretrizes úteis, recordando de algum modo as prescrições dos decretos *Perfectae caritatis* (n. 19) e *Ad Gentes* (n. 18), que asseguram a qualquer fundação a base sólida de um carisma autêntico e específico.

Insisto, portanto, com os fundadores e os Pastores responsáveis, "no encargo de cuidar dos carismas religiosos, tanto mais que a própria indivisibilidade do ministério pastoral fá-los mestres da perfeição de toda a grei" (*Mutuae Relationes*, 9, c), recorrendo a estes critérios e a estas diretrizes.

A missão da vida religiosa na Igreja depende muito disto.

Confio estes pensamentos e estes votos à Virgem Maria, "a primeira entre todas as pessoas consagradas" (*Redemptionis donum*, 17), enquanto convido os Religiosos e as Religiosas a reavivarem a graça da sua "consagração religiosa segundo o modelo da consagração da própria Mãe de Deus" (*Ibid.*).

A todos a minha especial Bênção, que agora vos concedo de coração.

# I N F O R M E

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

---

---

---

### **ENCONTRO DA DIRETORIA E ASSESSORES NACIONAIS COM OS PRESIDENTES E ASSESSORES REGIONAIS DA CRB**

Com o objetivo geral de incrementar a unidade, a integração e a corresponsabilidade entre as equipes dirigentes nacionais e regionais da CRB, aconteceu mais um encontro anual de Presidentes, Diretores e Assessores, de 23 a 27 de outubro de 1988, na Casa de Retiros Assunção, em Brasília/DF.

Éramos 52 participantes vindos de todas as Regiões do Brasil, no desejo de avaliar a operacionalização da Prioridade da XIV Assembléia Geral Ordinária e, ao mesmo tempo, levantar dados para uma visão panorâmica da Vida Religiosa no Brasil em vista da próxima Assembléia, em julho de 1989.

A pauta do Encontro foi aprovada em plenário a partir das sugestões do grupo de Presidentes e do grupo de Assessores, bem como das propostas da Coordenação.

A Coordenação do Encontro, eleita na primeira sessão, foi feita por Ir. Claudino Falchetto, Presidente da Nacional e pelas Diretoras Ir. Zenilda Novais Rocha e Ir. Gertrudes Moreira, e mais um representante dos Presidentes Regionais,

Pe. Cláudio Trudelle e uma representante das Assessoras, Ir. Antenesca Michelin.

A Assessoria Teológica esteve a cargo do Pe. Edênio Valle, Diretor Nacional, que teve também a tarefa de expor o PROJETO PALAVRA-VIDA e, a partir dessa reflexão, orientar a manhã de espiritualidade. Pe. Edênio mostrou que a CLAR, ao criar o PROJETO PALAVRA-VIDA, quis oferecer à Vida Religiosa um tempo forte de estudo, conversão e ação centrada na Palavra vivida a partir dos pobres, como celebração dos 500 anos de Evangelização da América Latina. Esses foram, sem dúvida, os momentos altos do nosso Encontro.

Além da apresentação-da síntese da Vida que acontece nas Regionais, os Assessores da Nacional tiveram espaço para informações de suas atividades dentro da programação geral de 1988.

Ao lado dos assuntos de interesse interno da Conferência, as noites foram ocupadas com outras atividades. Entre elas, a apresentação das linhas de trabalho do setor de Pastoral Vocacional da CNBB pelo Pe. Luís Síveres, SVD; projeção de um vídeo-cassete sobre "Lumen 2000" seguido de debate; momento político, com uma avaliação do Trabalho da Constituinte, pelo Pe. Ernane Pinheiro, da CNBB.

Relativamente à avaliação dos 10 planos do Documento "Mutuae Relationes", pedida pela CRIS, sua aplicação prática foi trabalhada nos diferentes grupos de estudo. Em plenário, depois de elencados os resultados, nomeou-se uma Comissão para elaborar a síntese que foi apresentada à Presidência da CNBB, por ocasião do encontro com os senhores Bispos, na manhã do último dia.

Várias foram as propostas encaminhadas para as Regionais ou para a Nacional. Uma, porém, destacamos por ter sido logo assumida por todos os participantes. A partir de uma sugestão da Regional de Recife trazida por seu Presidente Pe. Humberto Plummen, aprovou-se um "DIA DE SOLIDARIEDADE" com o povo que passa fome, fixado para o domingo da Paixão, 12 de março de 1989, ou a critério de cada Regional. Este assunto motivou uma outra proposta a ser levada à XV AGO, isto é, a formação de Uma Comissão de "Justiça e Paz" em vista da união de forças para tornar mais expressivo qualquer movimento denunciador da situação de miséria de nossa gente.

A avaliação individual do Encontro foi muito positiva, merecendo especial destaque a Coordenação, a Assessoria Teológica, a Liturgia e a Convivência. Três dos participantes, previamente escolhidos — Pe. Humberto, Ir. Eunice e Pe. Albano — deixaram as seguintes impressões:

O conjunto dos Presidentes, Assessores Regionais e Diretoria Nacional está caminhando cada vez mais para uma democracia participativa com um ótimo relacionamento entre a Diretoria Nacional e as Regionais.

— A eficácia da consecução dos objetivos estabelecidos deveu-se à coordenação democrática, mas firme e corajosa.

— Crescemos como grupo com um ótimo entrosamento.

— O conteúdo foi oportuno na atual conjuntura eclesial (relação CRB-CNBB), sócio-política (posicionamento político) e em relação à Vida Religiosa (diante de opções de caminhos a tomar).

— Houve 4 momentos marcantes no encontro:

1. Avaliação da atuação da CRB em âmbito nacional, onde aparecem algumas constantes.

2. Exposição do Projeto Palavra-Vida com um ensaio na manhã de Espiritualidade.

3. A síntese do Pe. Edênio, que foi o "coração" da caminhada, delineando o futuro da Vida Religiosa no Brasil.

4. A preparação do encontro com os Srs. Bispos.

— Um dos pontos altos do encontro foi a manhã de Espiritualidade, na qual o tema Palavra-Vida foi exposto com competência e paixão.

— Uma constante do encontro foi a lembrança do nosso povo sofrido e pobre, que esteve no centro das liturgias.

— O ponto alto foi sem dúvida a celebração eucarística diária, como fecho do trabalho e das preocupações do dia.

— A coordenação esteve dentro das expectativas: serena, competente, discreta, fraterna e construtiva.

— O ambiente foi propício ao trabalho.

O Encontro foi encerrado com palavras de agradecimento de Ir. Claudino a todos os presentes e com particular aceno aos que realizaram tarefas especiais durante o mesmo. Confirmou o nosso crescimento como grupo, como responsáveis pela animação da Vida Religiosa no Brasil. Na ocasião, Pe. Décio Zandonade SDB, Diretor Nacional, usando da palavra recordou que era o último desses Encontros com Ir. Claudino como Diretor-Presidente, e em nome de todos e da CRB agradeceu a dedicação e eficiência no seu trabalho. Foi aplaudido de pé e com esse gesto encerramos nossos trabalhos.

**Ir. Célia Gomes Cerveira, SSD**  
Assessora da Diretoria

## **RELIGIOSOS BRASILEIROS EM ROMA (RBR) E NOVA EVANGELIZAÇÃO**

Os RELIGIOSOS BRASILEIROS EM ROMA (RBR) assumiram alegremente a caminhada da CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL rumo à XV Assembleia Geral Ordinária (AGO) da CRB, a se realizar de 24 a 28 de julho próximo em SÃO PAULO, com o tema central: "Vida Religiosa e Nova Evangelização".

Numa das reuniões mensais dos RBR, a 16 de janeiro de 1989, cerca de 20 Religiosos e Religiosas Brasileiros, dentre os mais ou menos 500 que residem em ROMA, estudaram, no PIO BRASILEIRO, o texto "NOVA EVANGELIZAÇÃO E VIDA RELIGIOSA", publicado pela CRB em preparação à XV AGO. Contaram com a brilhante ajuda de Pe. MARCELLO

DE CARVALHO AZEVEDO, SJ que, após a introdução ao tema e a análise do texto, procurando aplicá-lo à situação dos RBR, encaminhou um trabalho de grupos. Duas questões foram colocadas no sentido de levar os RBR a se sentirem interpelados pela urgência de uma Nova Evangelização. Abaixo são apresentadas as questões com a síntese das respectivas respostas dadas pelos diferentes grupos, na oportunidade:

1) "COMO NÓS (aqui em ROMA, em nossa situação particular) PODEMOS PARTICIPAR DO PROJETO 'NOVA EVANGELIZAÇÃO' (NE)?

— Procurar tomar conhecimento de tudo o que se relaciona com o projeto da Nova Evangelização;

— Já estamos estudando o Documento. Continuaremos a estudá-lo.

— Fazer a nossa Comunidade participar da problemática e, de nossa parte, transmitir-lhe nossos valores.

— Há muitos meios concretos que cada um encontra em sua comunidade: orar, sacrificar-se, comunicar-se em espírito de diálogo despretencioso. Não se fechar!

— Ajudar os próprios cristãos daqui a compreenderem este projeto. Temos muito a transmitir. Informar e partilhar o que se vive em relação ao projeto, com as pessoas com as quais convivemos. Troca de experiência.

— Intensificar a nossa inter-comunicação RBR; visitas às Comunidades.

— Congregações que estão em fase de Capítulo Geral ou de Assembleia Internacional, não desconhecer esse aspecto da NE. Envolver os confrades e

co-irmãs da própria Congregação na NE.

— Em nossas reuniões de RBR partilhar iniciativas das diversas Congregações no campo da NE.

— Valorizar as reuniões RBR, ligando-se mais pessoalmente e se comprometendo com o grupo.

— Estudar o material que está saindo no Brasil sobre NE.

— Manter contato com a Igreja no Brasil e a sua situação sócio-política. Não perder o contato com o nosso povo e com a nossa realidade.

— Reavivar nossa memória (o que foi e o que está sendo nossa história e fazer dela oração).

— Fazer um estudo sobre o Programa "LUMEN 2000" e compará-lo com a NE.

— Saber quem são os missionários. Conscientizar as próprias Comunidades.

— Programar uma CELEBRAÇÃO FORTE sobre NE para o mês de junho, véspera da XV AGO.

— Enfocar o projeto NE nas Missas do RBR.

— Todo estudo feito em ROMA (teológico, filosófico, espiritual, sociológico, psicológico, etc.), fazê-lo na perspectiva da realidade evangelizadora da AL.

— Acompanhar e procurar viver o Projeto PALAVRA-VIDA.

— Continuar fazendo a Campanha da Fraternidade em comunhão com a Igreja no Brasil.

— Informar a CRB a respeito de nossas atividades de RBR.

2) COMO NOS FAZER PRESENTES AO BRASIL, NA CRB?

— Sintonia com nossas Províncias de origem, delas recebendo informações sobre o andamento do projeto NE.

— Conservar nossa identidade/origem.

— Dar continuidade a esse tema (NE) em nossos encontros, aproveitando das reflexões que estão sendo feitas no Brasil, sobre esse assunto.

— Manter vivo interesse pelas coisas do Brasil.

— Incentivar os(as) Religiosos(as) que estão inseridos(as) em meios populares no Brasil, através de cartas pessoais ou de mensagens coletivas. Solidariedade através da oração.

— Continuar o intercâmbio de informações no que se refere ao projeto NE e Vida Religiosa, junto ao RBR.

— Contatos com a CRB: fazer-lhe "sentir" que nós também existimos. Colaborar, enviando informações, comunicações e artigos para CONVERGÊNCIA.

— Entrar em contato com a direção da CRB quando de nossa passagem pelo Brasil.

**Pe. Nelson Westrupp, SCJ**  
(In Boletim RBR nº 67; p. 5-8)

## **BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE SANTO ANTÔNIO MARIA GIANELLI (1789-1846)**

Celebrando o bicentenário do nascimento de nosso fundador, partilhamos

nossa alegria por esse evento tão significativo para nossa família Religiosa e para a Igreja. Antonio Gianelli nasceu em Cereta (Itália), aos 12 de abril de 1789. Filho de Giácomo e Maria Gianelli — família materialmente pobre, porém, rica de valores cristãos onde pôde desenvolver-se humana e cristãmente e cultivar sua vocação.

Encontrou inúmeras dificuldades no estudo: grande distância da sua casa à escola, poucos recursos materiais e falta de tempo para estudar, pois auxiliava seus pais nos afazeres do lar e no cultivo da terra. Desde cedo ele soube enfrentar com coragem e determinação seu propósito de estudar para alcançar seu IDEAL: tornar-se sacerdote. Até os 18 anos ocupou-se com os estudos, o trabalho e a oração, permanecendo em sua família. Com a ajuda de uma generosa senhora pôde continuar seus estudos no seminário.

Aos 25 de maio de 1812, com 23 anos de idade, foi ordenado sacerdote e celebrou sua primeira missa. Como sacerdote vivia na simplicidade e na pobreza, não tendo muitas vezes, o necessário para si. Às vezes descuidava de sua própria saúde, privando-se de alimento e descanso para atender o povo que lhe era confiado. Estava sempre disponível para atender às necessidades da Igreja.

Foi missionário, pregador, professor e dedicou-se à educação dos jovens, trabalhando em Chiávari, impulsionado pelo seu grande amor aos pobres e necessitados e sentindo não poder atender a todos sozinho, acolhendo a graça divina, reuniu algumas jovens para educar e evangelizar crianças, adolescen-

tes e jovens carentes. Assim, no dia 12 de janeiro de 1829, nasceu o Instituto das Filhas de Maria Santíssima do Horto. Nome escolhido pela sua grande devoção a Nossa Senhora.

As Irmãs por ele fundadas têm como carisma: servir em CARIDADE EVANGÉLICA VIGILANTE. Ir onde outras não podem ir. Esquecidas dos próprios interesses, vivem em pobreza, em comunidade de vida e na disponibilidade ao sacrifício. Atualmente o Instituto se encontra nos Países: Itália (Casa Geral), Espanha, Estados Unidos, Índia, Palestina, Uruguai, Argentina, Chile e Brasil onde atuam nos estados do RGS, Rio de Janeiro e Goiás.

As Filhas de Maria Santíssima do Horto estão integradas nas diversas pastorais: escolas, hospitais, asilos, orfanatos, obras assistenciais, bases... Antonio Maria Gianelli, como bispo de Bóbio, fazia-se "TUDO PARA TODOS". Disponível a toda prova, irradiava alegria. Tinha consciência de sua responsabilidade de servir, de guardar a fé, de anunciar o Evangelho. Seguiu o exemplo de Jesus, o Bom Pastor. "O BOM PASTOR DO EVANGELHO É MEU ÚNICO MODELO".

Reunia em si energia, ciência, virtude e um grande amor à Igreja, alimentadas cada dia no cultivo da fé, na confiança em Deus, na oração, no amor a Maria e no contato com o povo. Por sua bondade para com todos, sua disponibilidade ao sacrifício e zelo apostólico foi chamado "O SANTO DE FERRO".

Faleceu em Piacenza, aos 7 de junho de 1846, com 57 anos de idade. A Igreja o declarou santo em 21 de outubro de 1951. A vida de Gianelli pode ser

sintetizada com seu próprio dizer: "QUEM ARRISCA POR UMA GRANDE CAUSA, DEVE FAZÊ-LO COM A RESOLUÇÃO DE CHEGAR ATÉ O FIM, PRONTO A PAGAR O PREÇO DE UMA GRANDE IDÉIA".

**Ir. Angela Maria Plentznauer**  
**Ir. Vanilda Parizotto**

## **CARMELITAS DA DIVINA PROVIDÊNCIA — 90 ANOS**

A Congregação das Irmãs Carmelitas da Divina Providência é uma fundação brasileira que, neste ano de 1989, completa 90 anos de existência.

Sua Fundadora, Rita de Cássia Aguiar, recebeu o nome de Irmã Maria das Neves, ao ingressar na Ordem Terceira do Carmo. Lançou a semente da Congregação no Estado do Rio, a qual, logo depois, foi transplantada para o Estado de Minas Gerais onde se encontra o maior número de suas 51 comunidades.

As Irmãs Carmelitas da Divina Providência, cuja Casa Central está situada em Belo Horizonte, aprofundando a Tradição Carmelitana, empenham-se por viver segundo o espírito da Regra dada aos eremitas do Monte Carmelo por Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém, e servem à comunidade humana e eclesial através da educação e da saúde nas diversas modalidades, dedicadas especialmente ao pobre, conforme os apelos da realidade e as exigências pastorais da Igreja.

Com grande alegria a Congregação teve suas Constituições aprovadas em definitivo pela Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares (CRIS),

cujo Decreto foi assinado no dia 16 de julho de 1988, festa de Nossa Senhora do Carmo.

Fiéis ao genuíno espírito do Instituto, procuram ter sempre presentes as palavras e os exemplos de sua Fundadora e se comprometem em se dedicar à sua missão, sob a proteção da Virgem Maria, Mãe, Irmã e Mestra no viver em "obséquio de Jesus Cristo" e no abandono à Divina Providência.

O testamento de sua Fundadora: "Minhas filhas, a vida é outra. Vivamos com a consciência tranqüila e teremos o céu perto de nós", é a grande herança que conservam com carinho e procuram viver na simplicidade do dia-a-dia.

**Secretaria Geral**

## **MISSIONÁRIAS SERVAS DO ESPÍRITO SANTO 100 ANOS ANUNCIANDO JESUS CRISTO**

Somos uma das três Congregações Missionárias fundadas pelo Beato Padre Arnaldo Janssen. As três Congregações são:

Congregação Missionária dos Padres do Verbo Divino;

Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo;

Congregação Missionária das Servas do Espírito Santo da Adoração Perpétua.

Nós, as Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo, fomos fundadas no dia **08 de dezembro de 1889**, em Steyl, na Holanda. Nossas co-fundadoras são: Madre Maria (Helena Stollenwerk) e Madre Josefa (Hendrina Stemmans).

Como Congregação Missionária, somos convocadas e enviadas para, na força do Espírito Santo, continuar a obra da Salvação de Jesus Cristo e, por nossa maneira de ser e pelo nosso serviço missionário, tornar "conhecido e amado o Deus Uno e Trino por todos os homens."

Como Missionárias Servas do Espírito Santo estamos prontas a ir aonde quer que sejamos enviadas. Devemos anunciar o AMOR do Pai, que pela encarnação do Verbo e pelo envio do Espírito Santo, quer congregar todos os homens, na comunhão do Deus Uno e Trino.

A LUZ e a FORÇA do Espírito Santo capacitam-nos para o serviço e doação. Marcadas pelo espírito do Evangelho e animadas por aquele amor com que Deus nos ama, queremos tornar manifesta a presença santificadora do Espírito Santo no mundo.

A alegria de estar a serviço do Reino de Deus e de celebrar estes 100 anos de caminhada e de evangelização no meio do povo, nos fascina e nos impele a caminhar juntas, na luta do povo e com o povo, buscando uma vivência mais humana e fraterna.

Contamos hoje, com 3.704 Irmãs e estamos espalhadas pelos cinco Continentes: Europa, Ásia, África, Austrália, América do Norte e América do Sul. Encontramo-nos também em vinte e sete países diferentes.

No Brasil, chegamos em 1902, em Juiz de Fora, Minas Gerais e, no momento, atuamos nos seguintes Estados: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Pa-

raná, Mato Grosso do Sul, Rondônia, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Bahia, Espírito Santo e Goiás.

Nossa missão é abrir todos os corações ao AMOR, fazendo com que o Deus Uno e Trino seja conhecido, amado e glorificado por todos os homens. Somos 356 Irmãs em duas Províncias: Província de Ponta Grossa, com 20 Comunidades; Província de São Paulo, com 27 Comunidades;

A Província de Ponta Grossa, vendo as necessidades materiais e espirituais de tantos povos, dá de sua pobreza, enviando 14 Irmãs brasileiras a serviço da evangelização no estrangeiro, em missão "ad gentes": Angola e Gana (África); México e Bolívia (América Latina); Nova Guiné (Oceania); Itália e Irlanda (Europa).

Para concretizar o nosso objetivo missionário, trabalhamos nas diferentes atividades: Missões, Pastoral educacional e saúde, Periferias e favelas, Caminhando com as CEBs, Em grupos indígenas, Movimentos populares e setores pastorais, Formação de lideranças, Promoção de retiros e encontros. Queremos com nosso serviço missionário, levar a Boa Nova de Jesus Cristo a todos os povos e transformar este mundo conforme os ideais e valores do Evangelho, a fim de manifestar-lhes as riquezas insondáveis do amor salvador do Deus Uno e Trino. Louvem e agradeçam conosco estes 100 ANOS DE GRAÇA, DE VIDA E EVANGELIZAÇÃO.

**Ir. Eva de Lourdes Bueno**

# BARTOLOMEU DE LAS CASAS

*Capelão castrense, "encomendero", grande senhor de índios, possuidor de respeitável fortuna. Vivia bem e sem problemas de consciência, enquanto o indígena vivia submisso a seu jugo suave, mas, afinal, jugo de que não podia se libertar. Por fim, renunciou à "encomienda" e se consagrou à evangelização.*

## **Encontro de Frei Bartolomeu de las Casas com o HOMEM**

Havendo ele embarcado muito jovem para as Índias, como catequista, não podemos avaliar sua inquietação humanista anterior. Foi o encontro com o mundo indiano que plasmou sua mentalidade, à base dos golpes da experiência. Em primeiro lugar, os próprios espanhóis residentes nas ilhas e Terra Firme — do mar Oceano —, cujos desmandos lhe abriram os olhos a uma realidade impensável nas plácidas margens do Guadalquivir. Em segundo lugar, os índios que se viram envolvidos como sujeitos passivos num aluvião de novidades e dificuldades das quais não sabiam como safar-se e, frente à qual, careciam de meios para defender-se. Por último, apareceram os negros, que na sociedade européia tinham uma cotação humana muito baixa

e que, no Novo Mundo foram chamados a ser uma solução. *Las Casas* começou a detectar lentamente a presença da injustiça e da opressão, o valor da liberdade, frente à dureza da escravidão, a distância abissal entre senhores e criados, grupos que se enriqueciam à custa de outros que morriam de fome ou de maus tratos. Um verdadeiro caos!

## **Apostou nos Índios**

Frei José de Sigüenza, que escreveu sobre a gestão dos jerônimos nas Índias, deixou-nos uma imagem pouco lisonjeira daqueles anos em que "tudo aquilo está repleto de queixas, dissensões, paixões, brigas, interesses, e afinal, de mortes dos coitados índios, castigos merecidos pelos seus abomináveis costumes; não, porém, sem culpa dos desapiedados verdugos, que nisto ultrapassavam os limites e os modos". A evocação dos "furacões das Índias" traz-lhe à mente "o mar proceloso do governo de tantas almas; umas, sepultadas nos corpos brutos; outras, na cobiça do ouro".

---

*Traduzido de: Boletim SIR (Servicio de Información Religiosa) da CIRM, nº 3, março-abril de 1988, p. 2-9.*

Para o erudito historiador da Ordem de São Jerônimo, o conflito indiano era provocado pela ambição de uns e pela falta de estatura cultural dos outros.

Porém, no coração espanhol e cristão de Bartolomeu de las Casas, perito conhecedor da problemática indiana, dado a grandes empresas não isentas de ambição, acharam lugar uns e outros. Com o passar do tempo, sua atenção se polarizou sobre o indígena, cujas virtudes e possibilidades captou em grandes doses, vendo neles uma parte especialmente pura e delicada da humanidade, que considerava como uma grande promessa para a *Espanha* e para a cristandade. Bem quisera resolver o problema de todos e de cada um. As limitações humanas o atraíram e sua atenção se concentrou no índio. Com uma atuação pessoal chegou até onde pôde. Com seus escritos chegou até nós.

Apesar de tudo, *Las Casas* foi um fruto tardio. Precisou de tempo e cuidados. Sua longa vida lhe permitiu armazenar experiências valiosíssimas. Entre elas, a de "encomendero". Graças a seus préstimos como capelão castrense nas campanhas da recém-ocupada ilha de CUBA, recebeu um bom "repartimiento" e em 1512 era um grande senhor de índios. Os negócios temporais lhe andaram bem e chegou a possuir respeitável fortuna. E era dos bons, dos que respeitavam o índio, dando-lhe um tratamento humano digno, embora não se distinguisse por seu zelo evangelizador em favor dos índios. O clérigo *Casas* vivia bem, feliz e sem pro-

blemas de consciência, enquanto o indígena vivia submisso a seu jugo, suave mas enfim jugo de que não podia se libertar.

### **Las Casas, dominicano**

Levantaram-se vozes contra aquela situação. A dos dominicanos da *Espanhola* teve ressonância duradoura. Aquelas vozes, entretanto, não tiveram eco nos ouvidos de *Bartolomeu de las Casas*. Seguindo seu caminho e sem fazer caso da voz do pregador, topou com a Palavra de Deus na Sagrada Escritura. Devia ser uma luz especial de Deus. De repente se deu conta de quão descarrilhado andava. *Las Casas* era daqueles que não conhecem as meias-tintas, por isso a mudança foi radical. Renunciou à "encomienda" e aos índios e se consagrou exclusivamente à colonização e evangelização em paz e liberdade. Pouco poderia fazer sozinho.

Varão de grandes empreendimentos, resolveu sanear as instituições em favor dos indígenas. Com tanto denodo se houve naqueles momentos, que *Cisneros* o nomeou "procurador dos índios".

Seu próprio entusiasmo, nem sempre bem controlado e dirigido, o induziu a uma obra de colonização pacífica e livre de qualquer pressão externa. O projeto, de base insuficiente e no qual, além disso, falharam importantes recursos, resultou em fracasso total e, inclusive, custou várias vidas humanas. O clérigo *Casas*, que por casualidade salvou a vida, teve que repensar sobre o lastro humano que ainda

orientava muitas de suas intervenções. Abandonando tudo, abraçou a pobreza evangélica e professou na Ordem dos Pregadores.

A vida conventual facilitou-lhe recolhimento e tempo para o estudo e oração. A pobreza religiosa liberou-o por completo dos cuidados materiais. Através do mistério de Cristo, compreendeu a grandeza do mistério do “homem” feito à imagem e semelhança de Deus. No índio oprimido, vexado, maltratado, mergulhado em desumanas condições de vida nas quais, com frequência, perdia a vida, viu a personificação do servo de Deus ultrajado, cujo rosto impedia de ver a riqueza que trazia dentro. Considerou obrigação sua trabalhar para devolver ao índio a dignidade que lhe haviam arrebatado.

Em seu novo estado, podia sentir-se em paz com Deus e livre de ataduras e preocupações temporais, não porém, com o “homem” enquanto houvesse alguém sofrendo a opressão dos poderosos. E o índio a sofria. Frei *Bartolomeu de las Casas* sabia-o muito bem. A bula “*Sublimis Deus*”, de Paulo III, publicada a 2 de junho de 1537, na qual, com sua autoridade apostólica, proclamava a plena capacidade humana dos ameríndios, seu direito à liberdade e à propriedade privada, lhe dera o indispensável apoio moral de que necessitava. O índio passava a ter, sem discussão possível, todos os direitos humanos que, logicamente, teria que compartilhar com os outros.

## Paixão pela liberdade do índio

Para não dar passos em falso, compreendeu frei *Bartolomeu* que devia aprofundar-se no estudo do direito para estar em condições de defender de acordo com o direito. E o faz com a paixão e entusiasmo que punha em tudo o que fazia. Foi tão longe que pôde afirmar: — “Há quarenta e oito anos que pesquiso, estudo e passo a limpo o direito; creio, se não me engano, ter aprofundado esta matéria até atingir as águas de seu princípio”. Meio século de aprofundamento em direito bem podia dar-lhe confiança em si mesmo.

Seu pensamento sobre os direitos humanos do indígena, homem como todos os outros, parte sempre do conteúdo pascal e libertador da mensagem evangélica, para ancorar nas águas movediças do direito. *Las Casas* era, por temperamento, apaixonadamente evangélico e um tremendo racionalista. E sabia utilizar seus recursos. A obediência religiosa, devida a seus superiores como frade, não facilitava a liberdade de movimentos que seu talento, às vezes, desejava. A palavra, porém, nunca era atada. Perante fatos evidentes ninguém podia fazê-lo calar, se estava em causa a verdade e a justiça. O direito e a liberdade dos índios era o primeiro portal do qual parte toda a dialética humanista lascasiana. Direito ao qual corresponde um dever de obediência e serviço sem descanso à dignidade humana. Falando das tribos indígenas disse secamente: “Todos esses povos e nações são livres; a ninguém no mundo deviam nada an-

tes que fossem descobertos; nem quando descobertos, nem hoje, depois de descobertos, devem a Vossa Majestade serviço e obediência qualquer, a não ser o mesmo que os povos e cidades livres devem a seu universal rei e senhor". Claro anúncio de defesa da liberdade dos povos dentro da ordem e do respeito. Dentro desse contexto é plenamente compreensível que *Las Casas* se mostrasse sempre contrário às "encomiendas", do jeito que se aplicavam nas *Índias*.

A liberdade é um direito inalienável. "A liberdade individual é inerente à dignidade humana". E, por sua parte, "jamais pode prescrever". O dom sagrado da liberdade vem de Deus mesmo. "Desde a origem da natureza racional, todos os seres humanos nasceram livres. Sendo todos os homens de igual natureza, Deus não fez nenhum homem escravo, mas a todos deu idêntica liberdade". Assim, pois, por direito natural, nenhum homem tem domínio sobre outro homem", e, "em princípio, ninguém pode ser reduzido ao cativo ou à servidão", e "ninguém pode, sem justa causa, ser privado da liberdade", nem mesmo por razões religiosas. "Por motivos religiosos ninguém pode ser privado da liberdade, nem da posse e domínio das coisas que o direito natural lhe outorgou".

### **Defensor dos direitos dos índios**

Não com menos vigor, rechaça qualquer espécie de coação ou de tortura porque "ninguém pode ser submetido a tratamentos desuma-

nos". O direito à intimidade, embora encontre falhas e defeitos considerados graves, inspiram-lhe as seguintes corajosas palavras: "Ninguém pode ser coagido por seus vícios e pecados, contanto que não redundem em desordem social ou prejudiquem os direitos das pessoas". Se pensarmos que semelhantes expressões foram escritas no tempo da Monarquia Absoluta, em plena vigência da Inquisição e em circunstâncias em que grandes vultos não escaparam da acusação e mesmo do cárcere, não podemos deixar de admirar o valor — que beira a temeridade — de quem assumia a plena responsabilidade de tais afirmações. Não resta a menor dúvida de que se sentia amparado por poderosíssimas razões, e por uma segurança pessoal que raiava o carismático.

Em outra ordem de coisas, achava que o homem possui direitos à propriedade privada e à convivência pacífica. Não é permitido arrebatar-lhe os bens nem molestá-lo. "Todo homem — escreveu — tem direito à paz e à convivência pacífica no meio dos cidadãos", e "a ser titular de propriedade privada". E repete-o claramente. "Pessoa alguma, sem legítima causa e sem razões de interesse público, pode ser privada de seus bens".

E não esconde a mão, o feroso *Las Casas*, quando precisa atirar uma pedra para sacudir as consciências perante a luta pela liberdade. Não é questão de um direito pessoal que é necessário defender, porém, de uma necessidade social pela qual se deve lutar. "Por universal

solidariedade humana, toda pessoa, pública ou privada, tem o dever de acudir em ajuda dos oprimidos e está obrigada a colaborar, dentro de suas possibilidades, para sua libertação". A liberdade é de todos e para todos. Os que podem desfrutá-la devem ajudar, quanto for possível, àqueles a quem é negada. Sem paliativos nem subterfúgios, chega às últimas conseqüências. "Os cidadãos que sofrem opressão ou tirania têm o direito de libertar-se do tirano, sempre que seja possível sem maior detrimento do bem do povo". O bem comum acima de tudo. Frases concisas e cortantes que supõem muitas horas de estudos e reflexão, experiências enaltecidas e uma decisão firme de defender o homem e seus direitos acima de tudo.

Não se pode estranhar que ressalte também o princípio da igualdade de todos os homens, que tantas repercussões tem na vida e perante a lei. "Todos os cidadãos são iguais perante a lei. É oposto à equidade natural prejudicar a uns cidadãos pelo que outros devem. Ninguém pode ser privado de seus direitos legítimos". A visão histórica concreta de frei *Bartolomeu de las Casas* circunscrevia seu horizonte no mundo dos índios oprimidos. Para libertá-los fez o impossível. Em troca, sua mente se abria a todos os homens e a todos os tempos. A realidade histórica atual constrange a denunciar outro tipo de opressão e trabalhar para suprimi-la. O mal é idêntico. Outros são os que o suportam. A arrancada libertadora e humanista de *Las Casas* necessita de continuado-

res. Todos os que crêem e amam os direitos humanos ficarão agradecidos.

## O Problema dos Escravos Negros

Tratando-se do defensor dos índios, muitos certamente se perguntarão por que foi ele acusado de introduzir a escravidão negra na *América*. Decisão histórica lamentabilíssima que, mais por leviandade do que por conhecimento dos fatos reais, foi atribuída ao *Pe. Las Casas*. Todos sofremos as conseqüências da tirania das idéias comumente aceitas em cada época. Sobre o problema dos negros, *Bartolomeu de las Casas* recebeu o impacto de idéias mal digeridas e pior aplicadas. A aparência externa dos negros, tão diferente da dos brancos e dos índios, e o contraste da robustez extrema com a simplicidade e candura mentais, deram azo a que alguns pensadores os identificassem com os povos que, segundo *Aristóteles*, eram naturalmente considerados escravos. Sob semelhante pavilhão justificava-se o injustíssimo cativo dos negros.

O sul da Península estava mais sensibilizado por causa dos descobrimentos portugueses, aos quais se achava vinculado o mercado de escravos negros desde a primeira metade do séc. XVI. Tinham o apoio de expedições científicas que, com aparências de cruzadas, foram promovidas pelo egrégio príncipe *Dom Enrique*, terceiro filho de *João I*, rei de *Portugal*. A captura de negros formava parte daquelas expedições e era considerado como algo de indiscutível, embora trouxesse

consigo a escravidão dos capturados. O príncipe acreditava que a liberdade perdida pelos negros fosse altamente compensada pelo nível superior de vida que os esperava. Até conseguiam certa libertação, pois escapavam de cair nas mãos de amos que seriam muito mais cruéis. Não deixa de ser uma estranha maneira de pedir resignação. A escravidão dos negros convertera-se num fato normal. *Las Casas* demorou em dar-se conta e reagir, embora o tenha feito em tempo.

Até 1513 o transporte de escravos negros para as Ilhas do mar Oceano desenvolvera-se como outro mercado qualquer, e era considerado de notável utilidade ante a pouca resistência física dos indígenas. Uma Carta real dirigida a *Ovando*, a 15 de setembro de 1505, pedia que levasse negros para as Índias. E uma Ordem real dos oficiais da Casa de Contratação de *Sevilha*, com data de 22 de janeiro de 1510, ordenava que se levassem cinquenta escravos negros para as Ilhas do mar Oceano porque os índios "são fracos e de pouca resistência".

A partir de 1513, exigiu-se a autorização real, cujas licenças chegaram a constituir notável fonte de renda para a Coroa. Para a organização do indigno mercado, surgiram os assentamentos que, de fato, em sua quase totalidade, caiu nas mãos dos portugueses. Neste ambiente tão discutido, propôs *Las Casas*, no plano de colonização pacífica de 1516, que fossem introduzidos alguns escravos negros e se

libertassem os índios. O clérigo *Las Casas* seguia ancorado num ponto de vista sobre o qual ninguém duvidava. Nem sequer os moralistas o haviam examinado a fundo. *Vila Villar* escreveu: "Os teólogos e a Igreja em geral sustentaram várias tendências: alguns taparam os olhos diante dela e abstiveram-se de qualquer comentário; outros preocuparam-se em denunciar a violência do tratamento; e outros detiveram-se em montar um inventário das vantagens e dos inconvenientes, chegando a reconhecer a necessidade de manter o *statu quo* estabelecido".

Os próprios representantes da justiça, como *Suazo*, apoiavam o tráfico de negros. Aquele que fora o promotor das decisões libertadoras dos Reis Católicos, ao ver-se acossado pelas necessidades materiais, solicitava ao poderoso senhor de *Chievres* a autorização necessária "para poder trazer à Ilha cem escravos negros e negras" que ele pede que sejam de "quinze, dezoito ou vinte anos, e nesta Ilha se ajeitarão aos nossos hábitos, e serão colocados em povoações onde viverão casados com suas mulheres: os índios serão libertados do trabalho, colheremos ouro ao infinito". Chegando a afirmar que aquela terra é "a melhor do mundo para os negros". Na mesma época — e sobre o mesmo tema — frei *Bernardino Manzanedo*, monje jerônimo da confiança de *Cisneros*, escrevia: "Todos os vizinhos de Espanha suplicam a V.A. licença para trazer negros, porque dizem que os índios não é remédio suficiente para sustentar-se nela. Aqueles padres e eu, com os oficiais de

V.M. e juizes, com alguns regedores de São Domingos, conversamos sobre este assunto e, vista a necessidade daquela Ilha, nos pareceu a todos que era bom que fossem trazidos”.

Quando se pediu ao licenciado Casas que interpusesse sua influencia junto ao imperador para se conseguir a licença de importar alguns escravos negros e aliviar os índios, ele nada mais fez do que seguir a orientação dos juizes, regedores, oficiais de S.M. e monges jerônimos. A autorização foi concedida a *Gorrevod* que a vendeu aos genoveses, os quais organizaram o tráfico desumano de escravos negros nas *Índias*, fato que a história nunca poderá perdoar. Em 1531 teve de reconhecer que disto não proveio nenhum benefício; e que, por desgraça, havia sido a causa de muitos males. Reconheceu e confessou seu erro: “Deste parecer que

dera o clérigo, arrependeu-se pouco depois, julgando-se culpado por inadvertência, porque, como depois viu e averiguou — segundo parece — ser tão injusto o cativoiro dos negros como o dos índios”. Apenas sua boa vontade, na ignorância, poderá salvá-lo ante o juízo divino. O julgamento histórico foi duro e nem sempre justo. A verdade vai se impondo.

O desejo de libertar os índios o impossibilitou de ver com clareza e rapidez de costume, a situação injusta da escravidão dos negros. Mas ao equipará-los aos índios — e com eles, a todo o gênero humano —, saldou uma dívida e um erro que é tempo de se reconhecer. O encontro de *Bartolomeu de las Casas* com o homem havia-o conduzido até uma porção da humanidade que, apesar de seus inegáveis valores, precisou de séculos para se impor. □

---

### João Paulo II aos Religiosos do Brasil

“Impõe-se a todos os Institutos Religiosos programar e realizar um plano adequado de formação permanente para os seus membros. Um programa que não vise somente a formação da inteligência mas toda a pessoa, principalmente a dimensão espiritual”. Leia a página 259.

### Pelo menos é alienante

“Igreja que batiza gente descompromissada com a comunidade; que crisma adolescentes que ‘desaparecem’ logo; que celebra eucaristia onde não há conversão; dá a comunhão a todo que vem na fila; absolve quem não muda de rumo; casa para algum tempo; ordena a quem não opta ser pastor e profeta; benze organizações opressoras e celebra missa para inaugurar coisas; Igreja que cultiva movimentos verticalistas, com pastoral em cima do muro... Igreja assim, se existe, é, pelo menos, alienante e ritualista”. Leia a página 294.

# O POBRE, SUJEITO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO

*A Fé, capacidade de "ver o invisível", enxerga no pobre o sinal histórico da salvação que vem. Este papel se concretiza principalmente na organização da sociedade e da Igreja e ultrapassa o limite do visível.*

**Pe. Rogério Ignácio de Almeida Cunha, SDB**

São João del Rei, MG

## **1. "Nós vamos transformar este povo reduzido a casca de banana..."**

"Eu acredito no pobre, acredito no pequeno. Existe muito pobre que não acredita no outro pobre. Por que não acredita? Porque ele é comprado a troco de banana" (1).

Após um ano de discussão e 140 km de caminhada a pé, de Jaciara a Cuiabá, num acampamento feito de barracas de plástico preto, este depoimento resume o eixo da "Nova Evangelização". O entrevistador conclui: "Pude me convencer que somente o sofrimento pode levar um grupo ao crescimento como este que os Sem Terra estão alcançando. E mais: no atual estágio da sociedade brasileira não existe saída para os trabalhadores fora da organização e da mobilização" (ST 07).

A "Primeira Evangelização" da América Latina, a que nos gerou,

se realizou antes que se consolidasse a "consciência histórica" do iluminismo amadurecido no século XVIII, e, mais ainda, antes da irrupção do 'Pobre' como novo Sujeito Histórico, que vivemos nos dias de hoje (2). Ela viu e alimentou as esperanças do Novo Mundo, surgido como por encanto exatamente lá onde se supunham os abismos do orbe, povoados de monstros. Da bruma do desconhecido surgiam, como por encanto, embora por obra de ousadia calculista, as novas terras e os novos povos. O esforço de "dilatar o império" era acompanhado também da Fé. E esta nos abriu os olhos para o imenso 'comércio de bananas' que se organizou ao longo dos cinco séculos de Colonização.

Das brumas e franjas de nosso mundo moderno surgem com rosto e coração humanos, aqueles a quem a sociedade hiperracional teme, porque lhe ameaçam o poder: "Quando a gente fala em transformar a so-

cidade, eles têm medo, porque sabem que perdem o poder” (ST 67). Em nome deste “poder”, coração da “Modernidade”, são expoliados, negados e mortos antes do tempo, aqueles a quem chamamos “Pobres”.

“Então, qual é a nossa grande luta? É essa: lutar para que o pequeno deixe de acreditar no grande. Assim começa a organização. Com esta arma temos que conquistar a maioria pequena. Se você quiser mudar a sociedade, então tem que mudar mesmo” (ST 42). Quem admira os enormes feitos colonizadores, a coragem dos navegadores, o denodo desbravador, raramente se lembra de quem construiu os navios, forjou as armaduras e espadas, içou e amainou as velas, enfrentou a borrasca para que os “descobridores” chegassem aqui, fez a cruz e armou com toras o altar da primeira missa.

Hoje o pobre, nascido no mundo da racionalidade que o cria e sobreexplora, sabe dizer ao rico: “Se não fosse o pobre que trabalha para lhe dar de comer, você morreria de fome: você não tem coragem de enfrentar o cabo de uma enxada” (ST 37). Aquele que constrói o mundo, se levanta e irrompe no cenário do Mundo Moderno, cobra dele os seus direitos e grita.

“Jeremias disse: ‘Nós vamos transformar esse povo reduzido a casca de banana em gente’ ” (ST 44) (3)... “Não dá para ficar calada, temos que lutar nem que seja para morrer. Jesus Cristo foi insatisfeito assim também. Ele viveu trinta anos no silêncio, quando abriu a boca para

falar, eles o mataram. Hoje, eles fazem a mesma coisa. Se você briga por uma coisa que é sua, eles matam” (ST 66). A Fé, capacidade de “ver o invisível” (Hebr 11,27), enxerga no pobre o sinal histórico da salvação que vem, pois ele é o preferido de Deus, e revela o “potencial evangelizador” de sua luta.

O sentido do título desta reflexão é, pois histórico e palpável: o pobre é “o povo que sofre, povo que fica debaixo da ponte” (ST 45); seu papel de Sujeito se concretiza principalmente na organização da Sociedade e da Igreja; sua liderança Histórica ultrapassa o limite do visível e se torna “Nova Evangelização”.

## 2. “Minha terra foi roubada”

O Pobre se autodefine quando diz: também queremos ser gente! Na luta por ser gente é que ele se afirma, ao entregar tudo pela vitória, pois não tem nada a perder. Ele tem pois, dois referenciais: o ser gente e a luta. Este é o problema DO pobre.

Mais que qualquer outra carência, o que o impede de ser gente é a FOME. Ele não vive apesar da fome, mas vive DA fome, faz da carência a sua racionalidade. “Vimos para Jaciara sem dinheiro, sem comida, sem nada. Fomos para a periferia da cidade. Arrumamos uma barraquinha de palha que não podia ser reformada porque estava na terra do senhor fulano. Agüentamos nove anos. A gente fez de tudo que um homem pode fazer para dar comida aos filhos nesses

nove anos... (deu) muito mal para a comida. Vi companheiro levar na marmita um pedaço de pão, e outros farinha. Era para disfarçar a humilhação" (ST 11s). "Quantas vezes comemos milho roído e folha de café para não morrer de fome" (ST 22).

Ao chegar em terras novas, os conquistadores pensaram em escravizar e batizar os indígenas. Estes se rebelaram e foram estigmatizados como "indóceis e indolentes" (4). Para substituí-los, foram buscar os africanos, das raças negras. Desenraizados, dizimados e divididos entre si, foram declarados inferiores e submetidos à pior escravidão de que a humanidade tenha que se envergonhar. Também eles foram batizados. Hoje, uns e outros, e seus descendentes, marcados pelos mesmos estigmas, continuam os construtores do mundo, pelo trabalho.

"Meu pai era um homem simples e nunca pensou que fosse acontecer isso. É verdade que sempre diziam para ele comprar arame e cercar as terras. Ele não concordava e dizia que não ia tirar dinheiro da comida para comprar arame. Os grandes fazendeiros foram cercando suas terras e as terras dos vizinhos. Assim perdemos as terras e, hoje, meu pai mora numa chacinha. Viemos para o Mato Grosso. Aqui começou a escravidão. Depois da colheita, lavoura de algodão, a metade era do patrão, a outra metade era vendida para pagar o armazém" (ST 14s).

"Então a gente resolveu ir para a cidade, para São Paulo. Em 1976 conseguimos uma moradia a mil e quinhentos cruzeiros por mês. Na-

quela época, um servente de pedreiro ganhava cem cruzeiros e eu um roceiro, não ganhava nada. Isto é para dar uma idéia da situação do lavrador na cidade" (ST 10s).

Foi assim que a proporção demográfica entre o campo e a cidade se inverteu nas últimas décadas: há vinte anos 60% da população brasileira vivia no campo e 30% nas cidades. Hoje é exatamente o contrário. Nas cidades se amontoaram, rapidamente, milhões de famílias, "griladas" como o pai de família que perdeu suas terras, ou expulsas à bala. Neste mesmo período, a economia brasileira atingiu o oitavo lugar entre as maiores, e os indicadores sociais colocam o Brasil "em posição inferior à de países como as Filipinas ou a Tailândia. Nenhum país do mundo apresenta graus de heterogeneidade e de iniquidade sociais tão acentuados como o Brasil" (5).

### 3. "Roubaram minha identidade"

Ser pobre não é lei da natureza (6). O pobre nasce incrustado num grupo social que é estrutural e historicamente tornado incapaz de vesti-lo, nutri-lo, desenvolvê-lo. Descendente do português pobre, do índio e do escravo africano, o pobre de hoje é expoliado como trabalhador, e negado como ser humano.

"Quando meu pai morreu, ele tinha uma propriedade que não tinha documento. Ele não era casado com minha mãe. Então os políticos resolveram tomar nossa terra" (ST 9). "Eu era criança. Do Paraná,

fomos diretamente para Rondônia, em 1969. Fomos jogados como se fôssemos lixo. Ficamos onze meses passando fome. Certo dia meu pai se desesperou e conseguiu um caminhão para a gente se mudar. Viemos num caminhão boiadeiro e fomos despejados em uma praça em Jaciara. Meu pai foi trabalhar na região do Rio Vermelho e por lá ficou durante dois meses sem dar notícias. Conseguimos um rancho de palha para morar e eu, com treze anos, fui trabalhar de doméstica e minha mãe, embora muito doente, lavava roupa para fora” (ST 22).

O rico “faz a riqueza usando o pobre e chama o pobre de preguiçoso” (ST 26). O que o pobre é ou tem, não constitui um valor. Seu estado de desnutrição é considerado preguiça, o pouco rendimento escolar de seus filhos é taxado de indolência e burrice. Além de ser pobre, por sofrer carência do necessário, ele é considerado pobre porque o que ele possui não é “valor”, o que ele sabe não é tido como “ciência”, suas organizações não são consideradas “poder”, mas sim formas de baderna e ambição. Por isto ele tem que se sujeitar ao jugo do trabalho manual, vendendo a outrem a sua capacidade de trabalhar.

“Eu ia completar quinze anos quando precisei casar. Era vontade do pai. Passei vinte e quatro horas em casa e a gente saiu, fomos embora... Meu marido sempre foi uma fera para trabalhar. Com tudo isso, nunca tivemos nada além da comida. Com quem ficavam os ganhos?” (ST 13-15). “Certo dia, uma

mulher rica falou para mim: ‘O que o rico rouba do pobre se ele não tem nada para ser roubado?’ Rouba o suor e até a consciência do pobre, respondi” (ST 26).

“Minha revolta é lá dentro. Eu, juro, não sei mais calar. Não quero mais calar. Estou mais revoltado nesta história é por isso: roubaram a minha identidade. . . . Minha terra foi roubada, e, roubando minha terra, roubaram a minha profissão, roubaram a minha capacidade de trabalhar na terra” (ST 13).

A cultura gerada pelo sistema de propriedade privada dos bens de produção olha o pobre através destes dois prismas: a posse de bens — que lhe é impedida — e a venda do trabalho — que lhe é imposta. Neste sistema, a dor escamoteada e a carência considerada uma vergonha. A identidade oprimida do pobre na sociedade capitalista não é reconhecida, nem respeitada. Os atributos qualitativos do pobre são, assim, progressivamente eliminados pela relação social invertida que o capitalismo impõe, por uma distribuição assimétrica de benefícios, tarefas e sacrifícios. “É isso que acontece na sociedade: o rico escraviza o pobre e acha tudo certo. É certo para o rico ficar cada vez mais rico com o trabalho do pobre” (ST 17). É por isso que “estamos acampados no asfalto. Somos casca de banana jogada no lixo da cidade. A fruta foi comida e a casca é para ser pisada” (ST 12-21).

Ser pobre é pois, sofrer na carne e no espírito, sem interrupção, a violentação da carência, o maquia-

velismo da opressão e o cinismo da repressão, a negação global que mantém em vida, explora a vitalidade, deslumbra e ilude, introjetando no coração e nas entranhas o ideal de que ser gente negar-se, deixar-se negar — como o negro que aspira ao embranquecimento — e afirmar o opressor beijando-lhe a mão, proclamando-o benfeitor (7).

Ser pobre é sobreviver, enganar a morte, viver de teimoso, arder sem se queimar...

#### 4. "... e vai matar os filhos de fome"

Um médico "teve a coragem de exigir a terra do trabalhador que não tinha dinheiro para pagar a cesariana da esposa. O lavrador, sindicalizado e que usou o FUNRURAL, deu parte da sua terra para tirar a esposa do hospital... Salvou a mãe e vai matar os filhos de fome, pois o que é o lavrador sem terra para plantar?" (ST 60).

A pobreza dos latino-americanos, especialmente dos brasileiros, hoje, tem pais de nome sabido e não ignorado: — a aceleração do desemprego, maquiado com truques estatísticos, o achatamento salarial (em toda a América do Sul, só o Peru tem um salário mais baixo que o Brasil, por força do "plano verão", talvez nem isto mais); a qualidade de vida que piora até atingir as raias do genocídio (no Nordeste diminui a estatura das pessoas e o peso do cérebro das crianças); a situação política grotesca, como a do Governo Sarney, a ditadura de Pinochet, o apoio

norte-americano aos "contras" da Nicarágua, e aos governos da Guatemala e de El Salvador, a bajulação de Stroessner...

A ação militar interna e bloqueio externo, a provocação de situações de guerrilha, a aceleração armamentista transformam a negação cultural em aniquilação física, acompanhada de rígida e seletiva concentração de terras e lucros, de meios de produção e de bens produzidos. A poucos e propagandados casos de ascensão social correspondem milhões de casos de queda, por falência, corrosão do poder aquisitivo. A ascensão econômica de alguns exerce pressão negativa sobre os níveis salariais inferiores, e é discriminatória e seletiva (8).

Destaque mais que especial merece a chamada "dívida externa": a) Entre os anos 1973 e 1981, cresceu constantemente a "entrada líquida de capitais", ou seja, o volume dos empréstimos e investimentos europeus e norte-americanos na América Latina. Iniciando com 7,9 bilhões de dólares, esta entrada atingiu, em 1981, a casa das 37,3 bilhões de dólares.

b) No mesmo período de tempo, o pagamento de juros subiu de 4,2 bilhões de dólares para 27,1 bilhões. Ou seja, até 1981, a dívida crescia, porque o que nossos governos pagavam não era a "amortização da dívida", mas apenas os juros... Entretanto, o que se pagava de juros ainda era inferior ao dinheiro que entrava.

c) Entre 1982 e 1985, o volume líquido de capitais oscilou muito, e

foi diminuindo, enquanto os juros cresceram continuamente:

— Em 1982 recebemos 19,8 bilhões de dólares (bd\$), e pagamos 28,7 bd\$;

— Em 1973 recebemos 3,0 bd\$, e pagamos 34,2 bd\$;

— Em 1984 recebemos 10,3 bd\$, e pagamos 36,1 bd\$;

— 8 em 1985 recebemos 4,7 bd\$, e pagamos 35,1 bd\$.

Isto quer dizer que diminuiu muito a entrada de dinheiro, em investimentos ou empréstimos, e aumentou muito a saída, em pagamento de juros. Em vez de receber dinheiro dos países ricos, a nossa pobreza é que mandou dinheiro para eles, em quantidades que subiram de 19,8 bd\$ a 35,1 bd\$, durante aqueles quatro anos.

Bom seria, se ficasse por aí. Se os países ricos não mandaram dinheiro para os nossos governos, é porque o investiram por lá mesmo. Será que nós paramos de produzir e mandar coisas para lá? Se a nossa produção dependesse do dinheiro deles, a resposta era fatalmente sim. Se não recebemos dinheiro, não produzimos. Aconteceu exatamente o contrário. A América Latina continuou produzindo e exportando crescentemente bens e serviços (especialmente produtos agrícolas, ou seja, alimentos): em 1973 exportamos 28,9 bd\$; em 1982: 103,2 bd\$; em 1983: 108 bd\$. Quer dizer que além de pagar sempre mais juros da dívida, continuamos aumentando as exportações, que os governos estimulam "para honrar os compromissos" (9).

• Para salvar a honra da "mãe" e lucro dos amantes, matam os filhos de fome.

Finalmente, em setembro de 1988, a Amnesty International publicou um documento sobre a Violência no campo, no Brasil (10). Intitulado "Brasil — Matando com impunidade", analisa, em 80 páginas, a questão da Reforma Agrária, os assassinatos de camponeses, seus líderes e Assessores, as autoridades responsáveis pelo cumprimento da lei, as falhas e irregularidades nas investigações policiais e judiciais, as ameaças de morte contra camponeses, seus líderes e assessores, as alegações de tolerância oficial aos crimes cometidos por pistoleiros, e as detenções arbitrárias e maus tratamentos sem custódia. Em adendo reproduz na íntegra e contesta a resposta inicial do Governo Brasileiro ao resultado das investigações. Tem, no final, a lista de 66 assassinados com andamento das investigações, sendo 1 de 1962, 1 de 1980, 3 de 1982, 2 de 1983, 3 de 1984, 19 de 1985, 4 de 1986, 15 de 1987, 18 de 1988. De todos eles, no decorrer do documento, citam-se os culpados, os mandantes, as "mutretas" das autoridades.

Pobre é o que morre antes da hora: de fome, de faca e de fogo.

## 5. "Eu tenho língua, tenho braços e posso agir: sai"

Pobreza não é miséria. Quando o é, a malícia que a reveste não advém da carência, mas da "negação" que nela se concretiza.

— Ao pobre se fala, como se ele não tivesse o que dizer: é mudo.

— Do pobre se trata como se não tivesse braços para se arrumar: é maneta.

— Ao pobre se ajuda como se fosse inerte: é entrevado.

Separando o trabalho intelectual do manual, e desprezando o trabalho braçal e servil, o mundo moderno capitalista cria as condições para viver do pobre, sugar dele a vida, e jogá-lo fora como uma casca de banana...

A conversa de Eudson com os Sem-Terra é um escrito suado e caloso. Não há depoimento que não ateste longas viagens a pé, em caminhão boiadeiro, em lombo de burro, do Ceará ou do Paraná para São Paulo, de São Paulo para o Mato Grosso, de Minas para o Paraná

Por excesso de trabalho no campo, o trabalhador rural trilha longos caminhos, à procura de... trabalho! Trilha incerto as avenidas, caminha seguro pelas veredas. Despejado nas praças como animal, jogado ao asfalto como fruta espremida, ele volta à vida, volta à luta.

“Era em Minas Gerais, no Município de Tarumirim. Toda a região é de um fazendeiro que comprou a fazenda da Belgo-Mineira. Ele é dono de uns quatro a cinco mil alqueires. É dono de uma grande firma vendedora de boi. Onde a gente comia pão, hoje o boi come capim... A gente ficou um tempo trabalhando ali, como arrendatário. Desmatava, plantava arroz à meia

e, junto com o arroz, a semente de capim. No ano seguinte era a mesma coisa: feita a derrubada, a semente de arroz era plantada com o capim. Isto foi acontecendo até chegar na cerca do vizinho. Acabava a condição de fazer cultura naquela terra. O pasto estava formado para o gado, e o lavrador sem terra para plantar. O jeito era sair pelo mundo” (ST 09s).

E tanto trabalho só deu para a comida?

“Muito mal para a comida. Quando deu, deu mal demais. A razão é simples: tudo o que você come tem que pagar ao patrão. O café, o açúcar, a verdura...” (ST 12).

“Na região norte de Goiás fomos trabalhar numa fazenda que era tomada de maleita. Diziam que até as árvores pegavam maleita. Para conhecer o serviço, meu marido saiu com o fazendeiro. O trato é que voltariam no mesmo dia, à tarde. Fiquei em uma pensão da cidadezinha com um cruzeiro para o leite e pão das crianças. O dinheiro acabou. Passaram cinco dias e eles não voltaram. Quase louca perguntei a mim mesma: o que estou fazendo aqui nesta pensão? Eu tenho boca, tenho língua, tenho braços e preciso agir. Saí” (ST 16).

Ser gente é relacionar-se com o mundo, os homens e Deus. No mundo capitalista, a matriz das relações não é a pessoa com seus direitos, mas o poder cultural, político ou econômico do capital. O trabalho é organizado de tal forma que, ao produzir alimentos, ele produz fome para o pobre, e uma relação de po-

der. Produzindo os alimentos, o pobre reproduz a própria sujeição e morte.

“De repente o senhor fulano se queimou, levantou do banco e chacoalhou a mão na minha cara: ‘o pobre é preguiçoso, é vagabundo, é explorador’! Eu respondia: maldade sua, porque se não fosse o pobre que trabalha para lhe dar de comer, você morreria de fome. Se não existir a tola da empregada doméstica para lavar a roupa da madame, a roupa apodrece” (ST 36s).

Por este primeiro motivo o pobre é sujeito social: Ele é a vida que sobrevive à expropriação, à negação, à morte. Ele é o trabalho que faz a vida, o mundo, até mesmo a riqueza de quem se sobrepõe a ele. “Quem vai mudar é o pequeno. O grande não vai mudar porque ele vive da exploração” (ST 16). Sujeito agente na produção da sociedade que o explora, ele emerge como sujeito histórico da transformação que o liberta.

## **6. “Na organização a gente experimenta o crescimento”**

Mas esta exploração histórica, esta negação é dialética. A carência desnuda no ser humano a qualidade de sujeito, afirma a sua qualidade fundamental de ser gente, que a riqueza encobre, posterga, nega. Ser pobre é lutar por ser gente. Da própria morte o pobre faz um monumento à vida. “O pequeno desunido tem medo da organização. Tem medo de passar mais fome. Enquanto ele tem aquele

melzinho do salário fica agarrado nele. Agarrado a quê? Agarrado à escravidão” (ST 37s). Mas mesmo com medo eu ainda estou decidido a fazer o que o grupo determinar após a discussão” (ST 40).

A riqueza, sobre a qual alguns homens se afirmam, não afirma o ser humano, mas o nega. A Pobreza com que poucos negam a muitos, afirma os muitos. “Se for pra morrer escravo, é melhor ir pra cidade, e morrer na vista de todos” (ST 19). A riqueza — afirmação do possuidor — negação do pobre enquanto homem. A Pobreza é sua afirmação de “ser” negado. A riqueza desumaniza seu próprio sujeito e afirma o pobre ao esmagá-lo. “Nós vamos transformar esse povo reduzido a casca de banana em gente” (ST 44).

Com o trabalho, o pobre constrói o mundo dos homens. Com a sua luta, faz, do mundo, Mundo humano. Seus direitos não se baseiam na posse ou no saber, menos ainda no poder, mas em seu desnudado “ser gente”, em sua luta pela humanização de todos. São uma exigência de afirmação universal do homem e não do domínio de uns sobre outros. Antes de serem direitos de posse, são filhos do trabalho.

“O Terra Seca (apelido de um cearense) cresceu no movimento. Lá em Jaciara a gente se encontrava e discutia sobre tudo. Até sobre a invasão de terra saiu discussão. Na organização a gente experimenta o crescimento, pois, eu mesmo, sozinho, não sou capaz de tudo isso” (ST 40). “Eu não entendia

muito da sociedade, ainda entendo pouco. O que entendo é de nós, entendendo da vida da roça, entendendo do sofrimento desse povo. Assim, no movimento vou crescendo cada dia mais. Eu e meu marido temos uma consciência cristã e estamos firmes na luta" (ST 40).

O discurso dos "direitos humanos" em geral é manipulável pelo dominador. Exigir o direito do pobre é desafio à transformação social, pois abaixo do nível de subsistência, a moral da propriedade privada perde todo vigor ante a exigência de vida e de humanização do rico passa pelo respeito ao direito do pobre. "Gloria Dei vivens Pauper" (D. Oscar Romero).

Por isto é que falo do pobre, não da pobreza. A carência, a luta, lhe emprestam uma porção de características, que Puebla reconhece como valores evangélicos. Sua condição histórica lhe ensina a simplicidade, abertura e franqueza, leva-o a partilhar o alimento e a dor, a alegria e os momentos do cotidiano. Ensina-lhe entretanto, também a expoliar e enganar, o agredir e o matar, que são as condições típicas de "sucesso" na sociedade em que o pobre tem que sobreviver.

Por este segundo motivo o pobre é sujeito antropológico: seu direito é o direito antropológico desnu e cru, nem encoberto, nem falsificado pela posse de excedentes. Ele se baseia diretamente sobre o trabalho que cria as condições concretas da posse e dos direitos seus derivados.

## 7. "Vamos ter que brigar contra a lei, porque a lei é injusta" (ST 42)

A Pobreza não pode ser idealizada. A gente corre sempre o risco de ou vê-la cor-de-rosa, como as fotografias de pobres sorridentes, ou enxergá-la exclusivamente como feroz e mentirosa. Entre estes riscos extremos há uma gama de sentidos diferentes, que a gente mistura numa palavra só, sem perceber.

Em primeiro lugar, o pobre "é jogado no lixo": economicamente expoliado como trabalhador, e impedido, como "carente", de participar dos bens e das vantagens da sociedade.

"O Sem Terra só tem direito de entrar na alta sociedade no dia de eleição. Aí ele se mistura com o doutor, com o deputado, com o prefeito, com o governador. Mas, depois da eleição, o Sem Terra é jogado no lixo. É despejado das periferias onde está, como se despeja um montão de casca de banana que o cara come na feira e joga lá no chiqueiro de porcos. Agora a gente pretende voltar a ser gente" ST 69.

Por isto, num segundo sentido, seus direitos só são reconhecidos quando isto traz vantagens para a sociedade que o expolia: "O pobre é explorado, tem muita necessidade. O grande jamais vai fazer uma mudança para levantar o pequeno. Então eu tenho que acreditar é no pequeno. O pequeno, o pobre, o explorado precisa se unir para mudar a sociedade. Esse povo da alta sociedade vai se preocupar com o po-

bre e chama o pobre de preguiçoso. Então não é desse povo grande que vai sair a transformação da sociedade” ST, 26.

Em terceiro lugar, isto lhe confere uma identidade negada: “É despejado como um montão de casca de banana”. Ele não é mais ele, mas aquilo que a sociedade precisa que ele seja. Serve de alimento na feira que se chama “mercado de trabalho”, mas não tem personalidade própria a ser reconhecida.

Quarto: Mas ele sobrevive. Aprendeu a viver da luta contra a morte, da fome, da carência, da negação. Sobrevive e “se mistura com o doutor, com o deputado, com o prefeito, com o governador”. Como o seu existir na sociedade é um ser expoliado, o seu agir é um agir “contra”. Agindo contra a negação, ele se mistura com os que têm nome, sente-se e sabe-se em casa até ser expulso de novo.

Neste agir “contra toda esperança” se revela o quinto sentido: como ele nada tem, nele se revela desnuda a profundidade do “ser gente”. A Pobreza é a nudez do ser gente, gente sem adjetivos, sem adinículos, sem supérfluos. Nele se revela o que o homem é, distinto do que o homem “tem”. Seu ser é “ser” contra. É ser contra o não.

Esta radicalidade antropológica leva a um sexto sentido: “Agora a gente pretende voltar a ser gente”. Quando a sociedade o expolia, ela explora o seu trabalho produtivo, obtendo assim os frutos de seu trabalho. O pobre constrói e alimenta

a sociedade. Mas, ao expoliá-lo e negar-lhe uma identidade, a sociedade não o destrói, mas sim destrói a si própria. Negando o pobre, a sociedade se desumaniza. O único caminho de “volta”, é o caminho que passa pelo pobre, pela sua luta. Negando a opressão que o expolia e nega, o pobre se afirma como gente. Na afirmação do pobre, a sociedade é redimida de sua própria desumanização.

“O capitalismo não quer plantar cereais para a comida do povo, mas seguram quase toda a terra ou colocam nela plantas que só dão muito lucro: soja, cana para álcool, cacau, guaraná, seringa, capim... Será que a terra na mão de meia dúzia e com as plantas que fazem, vai matar a fome do povo? Se querem matar os pequenos não vão matar também os trabalhadores da cidade? Procurar solução com as próprias mãos também não está dando resultado. A Nova República já matou duzentos e cinquenta e oito pessoas na luta pela terra. A polícia está fazendo o que mandam os grandes: espancando mulheres e crianças, matando lavradores e lideranças autênticas, até padres e freiras” ST 71.

Libertar o pobre não é fazer dele um rico, mas libertar a sociedade inteira do jugo da opressão. “Temos que arrumar o que o povo precisa para comer. Uma coisa é certa: esmola não resolve, é preciso arrumar terra para plantar, para tirar o alimento. Trabalhar para os outros também não resolve, disto já estamos muito convencidos. ... Já fizemos tudo isso e vimos que não

leva a nada, a não ser à morte. Esta é a grande situação que nossa união e nossa organização terão que resolver" (ST 35s).

Por esse terceiro motivo, o pobre é o sujeito emergente. Seu interesse fundamental é ser gente. Isto exige organização e poder eficaz. Fazendo-se gente, ele descobre e cria espaços inesperados e novos. Assim, ele humaniza quem o oprime. Atabalhoado e farroupilha, ele empurra a sociedade a se humanizar.

### **8. "Este povo é a Igreja, porque estes lutam na terra, mas olhando para Deus" (ST 45)**

Sacramento é um sinal sensível que torna visível a presença de Deus-em-nós, a 'graça'. A graça de Deus é um julgamento terrível para os pecadores e uma 'boa notícia' para os que se abrem a Deus. Um juízo terrível para os que expoliam, desconhecem, negam. Uma 'boa notícia' para os que sobrevivem, 'são' contra toda desesperança, lutam contra a injustiça. E quando os pobres recebem esta boa notícia, de que a vida não será mais negação nem expolição, então sim, eles serão bem-aventurados, porque está entre nós aquele que "deve vir", que é o próprio Reino que se instaura (Mateus 5, Lucas 4).

O pobre que é e sobrevive expoliado, como o cordeiro imolado; o pobre que luta e vence esmagado, como o crucificado que vence a morte; o pobre que se insurge e caminha, é o sinal visível e eficaz, de que entre nós está aquele que cria todo caminhar, vence todo o ven-

cer. Está no meio de nós, lutando na terra, mas olhando para Deus.

O pobre não cabe na racionalidade moderna, especialmente na versão capitalista que vivemos. Sua cultura se alimenta do veneno que é a comunicação de massas, porque sabe fazer vida com o suco da morte. Exatamente por isto seu viver também é ambíguo. Nele se manifesta a morte infligida pelo capitalismo, e a vida é sua luta contra a morte que o cria. Tem muita maldade, porque aprendeu a "vencer o mal com o mal" (Rom 12,17.21; 1Tess 5,15; 1Pd 3,9). Os pais de sua carência não geraram apenas inocência e graça, mas também pecado e malícia.

Este pobre é o risco de Deus. Jahweh-Emmanuel se arrisca a ser visível nesta nova sociedade, cujo sujeito é aquele que a força do Espírito constituiu 'pobre' para lutar pela vida em abundância para todos (Jo 10,10). Ele se torna visível, mas os iluminados pais da cegueira lhe distorcem a imagem e mutilam o caminhar. "Que outra gente tem um Deus tão pertinho" (Dt 4,7.34; Jr 20,14) que se reveste de suas misérias e "se faz pecado" (2Cor 5,21; Rm 8,3; Filp 2,5-11) para assumir o seu caminhar?

O pobre não cabe na Modernidade. Muito menos a Igreja. A Igreja que nasce de seu lutar cheio de Bíblia é o anúncio do Reino que está sempre mais adiante. Se na Modernidade o pobre é perseguido e marginalizado, em seu sofrer se profetiza a sorte da Igreja que ele nasce.

Neste quarto motivo desponta a evangelização: o pobre que se organiza descompensa a arrumação histórica da Modernidade. O pobre custa a organizar-se, mas quando o consegue, anuncia no seu 'jeito sem jeito' de ser, uma sociedade nova, em que os cegados pelas luzes do iluminismo verão, os ensurdecidos pela comunicação massiva ouvirão, os emudecidos pela superorganização do poder terão voz e vez, os mutilados pela produção em massa caminharão, os expoliados pela criação e concentração de riqueza serão anúncio da boa nova.

**9. "A verdadeira Igreja é aquela que está junto do povo que fica debaixo da ponte"  
(ST 45)**

"Viver debaixo da ponte" é um real simbólico. Toda ponte une dois mundos, ultrapassa um obstáculo, supera um abismo, salva de seu torvelinho. Muita gente vê a luta popular como um passar de um lado para o outro: ou levar os pobres à riqueza, ou trazer a riqueza aos pobres. Distribuir-lhes alimento e meios, ensiná-los a se arrumarem no mercado de bens e trabalho. Levar-lhes a alegria, iluminar-lhes o sorriso.

As lutas do povo são prasentes do primeiro ao último respiro, da primeira à última gota de suor desta caminhada. A mulher sem terra supera os preconceitos de cor e sexo. A Dona Benedita, que liderou por anos a fio o movimento e lidera agora a comunidade assentada, da qual ouvi durante duas horas um

relato desta experiência, é militante negra e feminina.

"União é viver em comum. Foi por causa desta vida em comum que a gente começou a se unir há um ano e meio atrás em Jaciara. Reunião e muita assembléia até de trezentas pessoas, todos pobres, todos pequenos. Ficamos sabendo que mulheres não sei aonde fizeram isso e aquilo. Lemos na Bíblia que Ruth enfrentou o rei para salvar a situação de um povo. Foi por isso que as mulheres de Jaciara decidiram se organizar, organizar para defender os seus direitos" (ST 27).

"Ontem mesmo chegou aqui uma mulher que não sabia o que estava acontecendo na Igreja do Rosário. Vi que o povo aqui é muito católico, mas está no devocionismo, adorando as imagens. Porque não adorar a imagem viva de quem está sofrendo? Porque uma imagem de madeira? É justamente porque a imagem de madeira não sofre, não chora, não exige. Mas esta imagem viva de Deus aqui sabe exigir os seus direitos, e isto incomoda, principalmente àqueles que estão em uma religião e numa prática aparente de fé" (ST 46s).

Descontado o uso 'indevido' do termo adorar, esta exegese favelada exprime com limpidez cristalina o sentido da proibição de Jahvé. A efígie do rico deve ser quando muito devolvida a ele, como as moedinhas de César. A Deus deve ser dado o que exige o seu preferido. Se todo o ser humano, é imagem de Deus, o pobre é, além de imagem e semelhança, 'sacramento' de sua

presença. Se todo o ser humano é filho de Deus, o pobre é 'afilhado'. Uma imagem viva que sofre, chora, exige uma prática coerente de fé. O pobre exige conversão.

Ao converter-se, o rico se afirma no pobre. Ao converter-se, o pobre vai "beber no próprio poço" (v. G. Gutiérrez). Antes da teologia, vem a espiritualidade: à raiz da espiritualidade está a erupção vulcânica de Deus na América Latina, feita história na emergência do pobre. A experiência dos pobres que se insurgem contra o 'pecado social' é assim a experiência fundante da "Nova Evangelização". Sua luta é sinal socialmente sensível e historicamente eficaz de que a salvação de Deus atua no mundo e de que o mundo é lugar desta salvação quando nele os homens realizam o plano divino de que o gênero humano seja sua imagem e semelhança.

Nesta luta nasce a Igreja. Não nasce da necessidade de levar as crianças a batizar e benzer, ou de ter um lugar sossegado para rezar e ajudar irmãos carentes. Ela nasce na luta pela vida, à luz e ao calor da leitura bíblica. A Igreja dos pobres é a que enfrenta com ele o sub-mundo, o mundo 'debaixo', o entre-mundo, colocado e escondido entre o lado de cá e o lado de lá da riqueza; o mundo que vive do torvelinho, respira o abismo, se aboleta no obstáculo. Muita gente acha que é agitada a vida que passa por sobre a ponte. Torvelinho é a vida de quem procura a vida lá no avesso do mundo. O pobre, o preferido de Deus, é a revelação de

que o lado de lá não está além das pontes, mas no fundamento delas. A igreja 'de debaixo da ponte' é a que busca na luta do pobre o sentido da paz.

Na Igreja o trabalhador vive a experiência de ler a Bíblia "por causa desta vida em comum". É a experiência de ser gente, sujeito, interlocutor de Deus, a experiência de sua dignidade divina. A Comunidade Eclesial de Base e a pastoral popular — da terra, operária — é para muitos a primeira e única escola em que aprendem a abrir a boca e exprimir-se em público, sem medo. Começando por pequenas orações, passando por palpites arrancados à custa de muito perguntar, até chegar a explosões de sabedoria.

Na experiência de sua dignidade, o trabalhador expoliado começa a "lutar para que o pequeno deixe de acreditar no grande. É uma luta difícil. O primeiro trabalho é esse: pequeno precisa acreditar no pequeno. Assim começa a organização. Esta é a única arma que temos na mão. Com esta arma temos que conquistar a maioria pequena" (ST, 42). "Este povo e esta Igreja somos nós, se estamos organizados na luta e na caminhada" (ST, 86).

Por este quinto motivo, é "pobre" o sujeito da Nova Evangelização. A primeira Evangelização descobriu na geografia o "mundo novo". A Nova Evangelização constrói na história uma nova sociedade. Evangelizar já não é anunciar o Evangelho impondo — ainda que legitimamente — uma outra cultura. Evangelizar vai além. Nas cin-

zas do mundo moderno anuncia o calor, a presença de Deus nos que descobrem e usam a racionalidade para a vida, não para a dominação.

A Nova Evangelização tem o pobre como sujeito, e faz de seus sujeitos, pobres — anawim. Eles não constroem a casa de Deus, como Salomão, nem reconstróem Sion, como Nehemias, mas fazem ver aquele que está no meio de nós e não conhecemos, como Jesus aponta a João e João faz descobrir Jesus (v Mt 11,2-15). O Evangelho da nova Evangelização não é algo a mais que sobrevém ao mundo como os anjos que anunciam, mas aquele algo a mais que os anjos anunciam presente, envolto em panos, reclinado na palha de uma cocheira (Lc 2,1-20), porque seus pais não haviam encontrado lugar entre os muros da sociedade.

**10. “Eu te dou graças, ó Pai, porque ensinaste estas coisas aos pequenos, e as ocultaste aos grandes” (Lc 10 22)**

Quem o disse não tinha uma pedra em que reclinar a cabeça. Quem não tem uma pedra sobre que reclinar a cabeça ainda o diz hoje nos barracos e sob as pontes, nas ruas e nas fábricas.

“No dia 15 de outubro de 1986, às 16 horas, ônibus fretados pelo INCRA levaram os SEM-TERRA do acampamento para a Gleba Novo México, no município de Colíder, onde 64 famílias começaram uma nova etapa de sua luta: a organização do assentamento, a con-

quista efetiva da terra de trabalho, a construção de uma vida nova numa sociedade que eles desejam que seja nova também” (ST 86). Começou uma vida nova, numa gleba sem estradas, onde tiveram que receber toneladas de comida enviadas por outros Sem-Terra assentados noutras glebas.

Na sociedade capitalista não há lugar para que todos os homens sejam respeitados e amados como filhos de Deus. Por isto, o único interesse do pobre que luta pela vida em seu seio é o abrir a todos a possibilidade de viver, rir, dançar e trabalhar, amar e viver a terra.

Esta luta do pobre é que liberta, evangeliza e salva o rico. O pobre, como carente e lutador, é pois o sujeito da experiência desafiadora e fundante da espiritualidade nova. Ele é o critério da reflexão sistemática, chamada Teologia da Libertação. Sua resistência é a matriz da luta e do ideal a se conquistar, o sacramento histórico da salvação que se realiza nos pés dos coxos, na língua dos mudos, no ouvido dos surdos, na alegria dos pobres. O pobre é assim o agente social da nova racionalidade, da nova cultura e da nova organização social histórica, assim como da transformação. Ele é o portador predileto do Evangelho e a medida privilegiada do seguimento de Jesus Cristo (Puebla 1145, 1142, 1143, 2247, 377+382).

Enquanto sua vida é escândalo e desafio, sua consciência é oprimida, seu ideal reprimido, sua fé alienada, sua racionalidade negada e sua participação impedida. Ele é

o empobrecido. No seu empobrecimento gesta-se o pecado, no seu grito de parturiente (v. Rom 18,22ss) se anuncia a graça, porque "Eu ouvi os clamores do meu povo" (Ex 3,7-10).

Na gleba, o Sem-Terra assentado continua lutando. Em seu caminhar resistente gestou-se uma nova sociedade, na nova sociedade uma identidade. O anúncio desta nova sociedade será a "alegre notícia" de que há no mundo lugar para todos. Mais e antes de quaisquer outros, alegrar-se-ão os que até agora "se assentaram nas trevas e à sombra da morte" (Lc 1 79b). A primeira evangelização nos fez aprender o nome do Pai, a gesta do Filho, o ardor do Espírito. Por quatro séculos e meio ela falou a linguagem da religião, e crer era rezar.

A luta dos pobres derramou na linguagem da evangelização uma enxurrada de temas novos, da fome à luta pela libertação. Ainda hoje as dificuldades dão testemunho de que a 'novidade' é arqui-antiga, mas nem por isto bem aceita. A luta dos pobres abriu os olhos dos evangelizadores para que a Fé vá muito, muito além do rezar, do celebrar, do exercício de atos religiosos. O domínio de Cristo é universal: a fé se exprime em símbolos religiosos, mas se realiza no viver social, político, econômico.

Isto leva a um novo celebrar. Celebrar, mais que repetir os gestos rituais que relembram o Redentor, é visibilizar o próprio Redentor presente nos atos quotidianos. A racha entre razão e religião, a que

se chamou secularização, perfaz assim um ciclo dialético.

Num primeiro momento, descobriu-se que realidades tidas como religiosas eram seculares. Num segundo momento, ficou patente que a religião não é instrumento apto para explicações, pois o humano tem sua autonomia. Num terceiro momento, a luta do pobre mostra que Deus está presente: ele está no meio de nós! Não se torna sagrado tudo, realmente 'tudo'? Não se torna sagrada uma ação porque se leva a ela o hábito religioso, mas se descobre sua sacralidade ao desnudar-se nela a busca da dignidade do pobre. Pois onde a vida se torna um anúncio de vida para o pobre, aí se anuncia e se realiza o Reino.

O Evangelho, o sagrado, é também inacessível em sua plenitude. A ele chegamos porque ele vem a nós, tornado acessível pelo processo humano e histórico chamado Evangelização. Esta mediação do sagrado é feita de processos históricos, transitórios, seculares, esburacados pela ambigüidade do humano.

Eu te dou graças, ó Pai, porque os pequeninos nos ensinam estas coisas que os grandes haviam escondido.

## 11. "Deixou de ser dos seus, para ser do povo"

Escutei este refrão, entoado pelo próprio autor, durante um seminário de formação em Bacabal, no mesmo dia em que um vigário do interior tinha ido denunciar ao Bispo as perseguições de que era víti-

ma, por ter tomado o partido do povo.

Há, em toda a América Latina, um número crescente de religiosos e religiosas, para quem este é um passo quotidiano, na torrente sofrida da "eclesiogênese" que vivemos. Nascendo um novo modo de ser Igreja, nasce um novo modo de consagrar-se "debaixo da ponte", ou para além da ponte que separa ricos e pobres, une pobres e ricos.

Hoje a "experiência da VR inserida" já é quase processo normal, especialmente entre os Sem-Terra. Comunidades inteiras vivem com eles a angústia dos acampamentos, a ansiedade das andanças, as alegrias de um nascimento, um aniversário, uma vitória, o assentamento. Outras comunidades se inserem num bairro já formado, melhor, já deformado pela exploração, pela divisão capitalista do espaço urbano e suburbano. Outros religiosos dividem com o trabalhador sua luta, sua condição de construtor do mundo.

Pastoralmente os religiosos sempre se aproximaram muito dos pobres, despertando o seu "potencial evangelizador". Bem cedo e bem profundamente, os religiosos se viram evangelizados por estes pobres, a quem desejavam levar a luz de Cristo. Estes religiosos, fazendo-se voz da Igreja entre os pobres, tornaram-se a voz dos pobres-Igreja, tornaram-se a Igreja que fala com voz de pobres.

A missão profética em cumprimento era de dizer dolorosamente ao mundo o desígnio divino: com

a denúncia, com o anúncio, com o martírio, com a ousadia dos apóstolos. Com alegria sempre mais incontida e dor sempre mais profunda, eles o dizem também à Igreja aliada ao poder, à Igreja que virou casta, à Igreja que celebra festiva o "Senhor, Senhor", esquecida ou inconsciente do pobre Lázaro sentado à porta "bela" do templo.

O papel político desempenhado é então o de ser, dentro da igreja como grupo humano organizado (aparelho, como dizem os sociólogos), a consciência crítica emergente dos pobres como sujeito social, como sujeitos da história. A Vida Religiosa, estando mais próxima dos pobres, captou seus desejos e necessidades de uma sociedade justa, onde possam ser simplesmente gente, e não mais exército barato de mão de obra disponível, nem meio-de-produção, nem muito menos massa de manobra eleitoreira e demagógica.

Na sociedade, os religiosos inseridos representam, de maneira própria e conflitiva a vontade política dos pobres a cujo lado se alinham. Entre os pobres, eles representam (a par da certeza de que Deus caminha com o projeto político dos pobres, dos trabalhadores), um apoio cultural, um canal de comunicação com os aparelhos sociais a que não conseguem ainda ter acesso, uma via de acesso aos meandros da estrutura dominante. Podem ser, e freqüentemente são, excelente força auxiliar nas lutas populares, junto a associações de Bairro e Sindicatos.

“Deixou de ser dos seus”: o religioso “inserido nos meios populares” arriscou muito e perdeu por vezes tudo, tanto que conseguiu também nisto “ser do povo”. São tão dolorosas as histórias que o unem aos pobres, que, tendo assumido em tudo a condição de servos — é das famílias pobres que provêm os nossos empregados — assumiu também a cruz de ser, em casa, rejeitado.

A Vida Religiosa inserida diz, no interior da Vida Religiosa, o desafio vivo que o pobre lança à Igreja e à Sociedade. O referencial dos inseridos é aquele dos fundadores: o pobre, pura e simplesmente aque-

le em que os fundadores viram o necessitado, o doente, o jovem abandonado, o Cristo.

Neste modelo de Vida Religiosa “ser-sujeito” do pobre — para além das situações sociais e morais — se manifesta como um sinal da predileção divina. O pobre sente: se o religioso caminha a seu lado, Deus o ama. O rico se enciúma: se o religioso luta ao lado do pobre, Deus está lá onde a gente menos o suspeita. O religioso desperta: nas pegadas dos pobres redescobre os pés do seu fundador, que um dia “deixou de ser dos seus para ser do povo”.

## NOTAS

(1) Salvo indicação expressa, as citações de Sem-Terra transcritas neste trabalho são do caderno mimeografado: Eudson de Castro Ferreira (organizador), Sem-Terra — Vida e Luta, Gleba Novo México, Colíder-MT, Associação LUT-MT, 1987. 86 páginas, Pg. 25, doravante citado apenas ST, seguido do número da página. É um folheto da Associação dos Sem-Terra assentados na Gleba Novo México, no Município de Colíder, MT. O entrevistador os encontrou à chegada a Culabá, acompanhou-os durante os três meses em que estiveram acampados junto à Igreja do Rosário, e reuniu num caderno os depoimentos colhidos em entrevista a vários dos lavradores. (2) Veja G. Gutiérrez, A Força Histórica dos Pobres, Petrópolis, Vozes. (3) ST 44 Esta citação, tem o sorriso do profeta C. Mesters. Peço a quem o encontrar por estes caminhos do povo, perguntar que passagem pode estar por trás dela. Uma coisa eu sei: se Jeremias não disse isto, deveria ter dito... (4) Veja Joseph Höffner, Kolonialismus im Goldenen Zeitalter, Trier, Paulinus Verlag, 1961, 1973. (5) Veja Hélio JAGUARIBE (Org.) e outros, Brasil, 2.000

— Para um novo Pacto Social, Paz e Terra, 2ª ed., 1986 especialmente pg. 135 ss. A citação é do artigo publicado na “Folha de São Paulo” de 13 de abril de 1986, apresentando a “ultimação da primeira fase da pesquisa”. (6) Puebla nn. 30, 509, 1160, 1264. (7) Veja NASCIMENTO, Abdias, (org.) O negro revoltado, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982; MELLO, M. L. Incao e, o Boia-fria, acumulação e miséria, Petrópolis, Vozes, 1979; Mt 20,25 e Lc 22,25). (8) Veja SANTOS, Milton, Pobreza Urbana, São Paulo, Hucitec, 1979, pg. 68 ss. (9) Estes dados sobre a dívida externa são da CEPAL — Comissão Econômica da América Latina, da ONU. Estão citados e analisados pelo boletim semanal “Análise da conjuntura”, editado pelo centro “13 de Maio — CEP”, de 13.10.1988 — rua Dona Avelina, n. 55 — Vila Mariana — 04111 — São Paulo — Tel. 572-6759. Veja também: “Informativo da DÍVIDA EXTERNA” editado pelo INESC, Instituto de Estudos Sócio-econômicos” — publicação mensal, com 20 números até agora: SCS Q 8 Bl B nº 50 4º andar, salas 435/7/41 Supercenter Venâncio 2000

Brasília. — O CONIC e o CESE realizaram em São Paulo, em março de 1988, um seminário do qual resultou um texto intitulado "Desafio às Igrejas — A questão da dívida externa, publicado em separata pelo ISER do Rio de Janeiro. — A Pastoral Operária de vários lugares, assim como muitos sindicatos, especialmente ligados à CUT, têm publicado

abundante material de divulgação sobre o assunto. (10) O Documento não pode ser xerocado sem licença dos editores, mas pode ser solicitado, especialmente por entidades, à Amnesty International: Índice AI: AMR 19/17/88/P — ISBN: 086210 154 9 — Amnesty International — Easton Street — London WC1X 8DL, UK Inglaterra. □

---

### Ouvir a consciência, a voz de Deus

Bíblia — "Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e sigam-me", Mc 8,34.

Leitor — O seguimento de Jesus exige descer ao não-poder, ao serviço, à morte como passo inevitável na construção de si mesmo e do Reino.

Bíblia — "Eles (os gentios) mostram a obra da lei gravada em seus corações, dando disto testemunho sua consciência e seus pensamentos...", Rom 2,15.

Leitor — "A consciência é o núcleo mais secreto e o sacrário do homem, onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa a sua voz", *Gaudium et Spes*, nº 16. Abrindo-se, com docilidade, a esta voz, cura-se a surdez interior. Garante-se serenidade. Encontra-se uma parte de nossa dignidade e nobreza. É nesta profunda interioridade, sob o olhar de Deus, que o homem vai decidindo livremente o seu destino (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

### Página 276: assuntos como estes abaixo

*Razão e religião.* Celebrar é repetir gestos rituais que lembram o Redentor. É, também, visibilizar este Redentor nos atos cotidianos. A fé se exprime em símbolos religiosos mas se realiza no viver social, político, econômico de cada momento. Descobre-se que as realidades todas como religiosas são seculares, pois o humano tem sua autonomia. É a religião não é instrumento apto para sua explicação. Descobre-se, ainda, que em TUDO Deus está presente. O sagrado emerge na ambigüidade de qualquer processo histórico, transitório, secular. Não será isto exatamente evangelização?

*Descobrir e sentir.* Na Vida Religiosa Inserida, o pobre sente que Deus o ama. O rico se enciúma porque Deus está lá onde ele menos suspeitava. E o religioso redescobre as pegadas de seu fundador (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

# MEIOS DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVOS E EVANGELIZAÇÃO POPULAR

*A força da Igreja não está nos grandes Meios de Comunicação Social (MCS), mas na imprensa alternativa na mão do povo. A Igreja não perdeu o acesso aos MCS oficiais por ingenuidade. Ela foi arredada deles por não se atrelar a ideologias opressoras.*

**Pe. Anacleto Ortigara, MS**

## **O começo é assim:**

— Com a ascensão do Senhor, os Onze se deram conta da missão. E se assustaram: o mundo inteiro a evangelizar e eles sem apostila, sem roteiro, sem Novo Testamento e sem a presença visível de Jesus. Mas, amam o Mestre, e isto basta. Quem ama descobre meios, se comunica. E os Onze venceram.

— O Evangelho — Jesus Cristo — é sempre o mesmo, “ontem, hoje, amanhã”. A Igreja também. O amor ao Mestre igualmente. Muda a maneira de se entender o Evangelho e de ser Igreja. Veremos:

I — Que Igreja queremos ser

II — Meios alternativos de evangelização popular

III — Desafios e pistas para esta evangelização.

Omitimos o rotineiro, tradicional. Penduramos como pano de fun-

do a pergunta: Pode haver verdadeira evangelização sem a participação popular, organizada e criativa?

## **I — Que Igreja queremos ser?**

A Igreja tem vinte séculos de fé, martírio e oração; vinte séculos de pastoral, pecado e santidade; vinte séculos de amor, serviço e perdão; vinte séculos organizando-se em comunidade, sendo fermento, sal e luz, a exemplo do próprio Jesus.

### **1. A imprensa da Igreja**

A missão da Igreja é evangelizar. Bem ou mal, em sua missão sempre usou da imprensa. Hoje, no Brasil, possui 24 jornais semanais, 35 revistas mensais, 200 boletins diocesanos, 2.000 boletins com milhões de exemplares, 14 editoras, 110 emissoras com mais de 700 missas irradiadas, 28 TVs transmitem o programa “Anunciamos Jesus”, 1 TV

(Rato Branco, PR) transmite 32 missas nas TVs regionais, 1 agência de notícias com 240 mensagens diárias...

Apesar deste imenso potencial no campo da comunicação, a imprensa católica não se compara com a "leiga" na mão de pessoas de filosofia não afinada com o Evangelho, disposta a combater a Igreja se ela ameaçar seus interesses. A força da Igreja não está nos grandes Meios de Comunicação Social (MCS), mas na imprensa alternativa na mão do povo. Evangelizar é comunicar Jesus Cristo a "tempo e a contratempo". A Igreja não "perdeu" o acesso aos MCS oficiais por ingenuidade. Ela foi arredada deles por:

— não se atrelar aos poderes e ideologias opressores;

— optar pelos pobres e pela defesa das justas aspirações populares;

— lutar por reformas sociais e inspirar novo modelo de sociedade, buscando ela mesma novo jeito de ser. A decisão, portanto, sobre que Igreja queremos ser, é também questão política: ou povo cabrestado, receptivo, ou povo livre, criador, ator, comunicador das coisas do mundo, de Deus e de si mesmo: O povo é feliz quando sonha com a utopia, crente que ela se concretizará um dia.

## 2. Evangelização popular

A Bíblia é a maior emissora de Deus entregue ao povo. O principal locutor é Jesus Cristo, o máximo da revelação do Pai. O povo é o primeiro destinatário, o pri-

meiro receptor, "centro, sujeito e fim". (GS 63) de sua própria evangelização (Puebla 1053). É falha pastoral que pequeno número de iluminados decida sobre a evangelização, excluindo a maioria. A Igreja não faz verdadeira evangelização quando monta programas faraônicos, vindos de cima, alheios à realidade do povo. O povo também é sujeito da evangelização.

*A organização do povo em comunidade fraterna é a melhor evangelização, o melhor caminho para criar nova sociedade, na linha do Evangelho. Toda forma de organização do povo para uma nova sociedade, tem raízes no Reino. Mas:*

— uns evangelizam pelo medo do fim do mundo, inferno, pecado, ou pelo intimismo e pieguismo; geram assim, cristãos subordinados, inseguros, passivos, dependentes, individualistas e sem compromisso social. Acabam com medo até de Deus. Essa evangelização se prende demais ao padre, ao jurídico, ao verticalismo;

— outros evangelizam de modo mais comunitário, participativo; criam cristãos responsáveis, críticos, criativos, seguros, comprometidos e solidários com "o homem todo e todos os homens". Essa evangelização se dá nas comunidades onde: os problemas são comuns, se busca solução em comum, para se chegar a um ideal comum, vendo com os próprios olhos, pensando com a própria cabeça, falando com a própria língua, andando com as próprias pernas, e construindo o Reino com as próprias mãos. Para que tudo

isto aconteça, os cristãos precisam recuperar seus direitos roubados.

### 3. Resgate dos direitos

O povo foi roubado no direito de pensar e falar: na família, o filho fala depois dos pais; na escola, depois do professor; na firma, depois do patrão; no quartel, depois do graduado; na Igreja, depois do padre... Mas, "entre vós, não seja assim" (Jo 13). O povo tem direito à palavra dos homens e à Palavra de Deus. Se "o Senhor está no meio de nós" e a celebração é festa, como calar e não comunicar a própria fé? Os agentes de pastoral são membros do povo de Deus. Oram e agem com o povo, no meio do povo, dentro do povo, e não diante do povo, acima do povo, para o povo ou fora do povo.

Hoje se quer uma Igreja que crie consciência de grupo, que personalize e socialize; que passe a palavra ao povo por ser ele o agente de mudança e que cultive uma pastoral participativa. Os cristãos se reúnem para acolher a Palavra, isto é, vivenciar Jesus Cristo na sua ação. Quando isso acontece, eles muitas vezes podem produzir mais conteúdo teológico do que muitas conferências ou livros.

Questões para a reflexão:

1. Em nossas comunidades a evangelização é centralizada?
2. É possível transmitir mensagens de amor de Deus se o receptor não tem vez de se expressar?

3. A evangelização para o terceiro milênio e os 500 anos de América Latina têm objetivo claro, metas possíveis, metodologia aplicável para hoje?... Dos diversos Projetos de Evangelização, qual o que mais corresponde? Por quê?

### II — Meios de comunicação alternativos na evangelização popular

Meio é ferramenta. Não é fim. Comunicação é tornar comum, partilhar, trocar opiniões, participar, conferenciar. Essa comunicação pode ser escrita, oral, visual, audiovisual. Meios de comunicação alternativa na evangelização popular, são os recursos do povo não atrelados ao poder opressor de grupos dominantes. Esta comunicação popular alternativa é circular e grupal, dialógica e horizontal. Ela nasce e se alimenta do mesmo lugar social, dos setores populares com projetos libertadores. Os meios de comunicação alternativa estão na mão do povo.

A cada quinzena, mais ou menos, os grandes publicitários reapresentam seu produto sob nova forma, para não cansar o público e manter o impacto, a força, a atração e a novidade. Nós, Religiosos, somos detentores de um "produto" que não envelhece, não se desgasta, não cansa: o Evangelho. Talvez nos faltem sensibilidade, jeito, linguagem para que ele seja melhor "consumido". E quem não espera isto de nós?

## 1. Meios alternativos de Jesus:

Jesus sabe lidar com o povo. Sabe que o povo gosta do que é seu, e de símbolos. Para respaldar sua pregação, pela vida e exemplo, Jesus emprega meios pedagógicos, lingüísticos, verbais, simbólicos ao alcance do povo. Não evangeliza no ar ou "fora do ar", mas em cima das necessidades vitais. Pedagogia imbatível. Evangelho prático. Este Jesus sabe "tirar coisas novas de coisas velhas". A comunicação de Jesus:

a) Cultiva um ambiente simples, cheio de imagens e símbolos, com significações partilhadas com o povo. É assim que ele entrega ao mundo a maior mensagem e faz a maior revelação.

b) Revela o rosto do Pai e anuncia o Reino com parábolas, cenas, gestos, coisas: terra, água, rocha, pão, vinho, vento, fogo, vassoura, pérola, moeda, porta, salário, azeite, saliva, barro, arado, torre, tijolo ("pedra sobre pedra"), fermento, sal, luz, trevas, nuvem, estações do ano, templo, agulha, pano, remendo, barril..., de coisas mortas tira muita vida.

c) Tira lições de árvore boa e má, da figueira, da videira, espigas, espinhos, semente, trigo. Aproveita do chão dos discípulos e ensina com a rede, a barca, tipos de peixes, rebanho, ovelha, passarinho, camelo, pomba, cobra, escorpião, boi num poço, jumento, lobo...

d) Usa dos mais diversos canais humanos: voz, toque, olhar, pastor, pescador (de homens), mão, doente, criança, morto, filho pródigo, rico

avarento, o contraste do fariseu e publicano..., chama uma autoridade de raposa, expulsa vendilhões com chicote... Em tudo "ensina com autoridade" e todos o entendem. É um processo de mão dupla criando relações, e as pessoas não se sentem objeto, mas sujeito que desafia as estruturas erradas e valoriza o potencial de cada um.

A partir da fé, essas mediações são canais do Evangelho a serviço do Reino. Elucidam. Amadurecem a consciência. Evitam espiritualismos. Esse tipo de comunicação pode revitalizar nossas comunidades porque é aberto, includente, que ajuda ao povo a se articular em suas necessidades, a distinguir a verdade da falsidade e a manter o diálogo.

Pensando em nossa pastoral, sentimos pobreza, limitação: sempre os mesmos ritos, o mesmo linguajar e os mesmos símbolos: cruz, Bíblia, flores, vela... Quase não usamos símbolos da realidade, da vida, da região.

## 2. Como fazia Jesus?

— *Vai até as pessoas*: vive com elas. Comunica-se com elas, onde vivem, com as coisas delas. Desce do céu até onde elas estão: comunica-se presente, igual. Conversa e se relaciona. Jesus vem sentir o que nós sentimos, e se torna pessoa confiável, aceita. É assim que ele evangeliza.

— *Planeja com as pessoas*: chama um grupo. Trabalha-o para que cresça e para enviá-lo à missão, a comunicar seu projeto. Cria comunidade entre eles. E vai lhe entre-

gando o Evangelho, de modo vivo, isto é, se entrega a si mesmo. E eles o entendem, o amam e o comunicam. Jesus não impõe sua cultura. Constrói a evangelização sobre o que eles têm, sobre o que o povo tem e vive. Parte do chão deles, não com programas de fora. E assim, com o jeito de cada um, com a cultura de cada um, com a comunicação de cada um, ele os envia — dois a dois. A evangelização toma força. “Até os demônios fogem”.

— *Ensina demonstrando e aprende fazendo.* Pouco adianta levar um agricultor a uma aula de agricultura numa sala. Leve-o ao campo e faça a prática: ele jamais esquecerá. — Jesus vai ao campo do povo e usa seus meios, “tirando coisas novas” da semente, da rede, dos lírios, do arado, das aves... E todos se evangelizam com suas coisas caseiras, alternativas.

— *E se faz carne:* O Verbo habita conosco, con-vive, acampado neste mundo que Deus tanto ama a ponto de lhe dar seu único Filho, que nasce na periferia; cresce no povoado de Nazaré; participa, dia a dia, da vida do povo. Não fica lá em cima, no céu, na glória, nem lá em casa descansando; nem fica dependendo do fator economia ou da influência social; não fica propondo modelos de pastoral, dando listinha de regras para se ganhar o céu, nem espera que sejamos santos para se aproximar de nós. Ele trabalha com o que temos, sabemos e entendemos. Constrói o Reino sobre o que somos, podemos e sabemos (“Vocês sabem quando vem o inverno...

quando chove... dar coisas boas aos filhos...”).

Jesus não fica só lastimando a situação do povo. Vai ao povo e o ajuda com os recursos que possui, a enfrentar a máquina que o oprime. Não fica enxugando o pingo d'água que cai da torneira aberta. Leva o povo a perceber e a agir para fechar a causa da opressão. Não será este o nosso ministério de Religiosos: aclarar, apoiar, servir o povo para que ele faça acontecer o Reino? — E sabemos nos comunicar, como Jesus?

### 3. Ferramentas de organização e mobilização popular

Os cristãos têm algo exclusivo a partilhar: Jesus Cristo, aquele Jesus que não fica lá em cima propondo modelos, orando ao Pai, fazendo curas e dando roupa usada a corpos famintos. Ele “se faz igual a nós”. Insere-se entre nós, acampa conosco. E assume a missão libertadora do Pai, dos profetas e do seu povo. Cria comunidade. Não se prende aos meios oficiais: imprensa, governo, poder, templo... Organiza e mobiliza o povo de Deus.

“A glória de Deus é o homem de pé”, garante Sto. Irineu. Orgulho de Deus é seu povo organizado para a vida. Só organizado, o povo fica de pé. *Missão da Igreja é organizar e mobilizar o povo do Senhor para a sua libertação à luz do Evangelho. Pode-se dispensar certos meios de evangelização. Nunca porém a organização, a comunidade.* A maior violência dos MCS é o descompromisso com a comu-

nidade, com a dignidade da pessoa. E nós, cristãos, sentimos o compromisso dado por Cristo: "Pregar até por cima dos telhados". Para tanto, há muita ferramenta alternativa que pode mobilizar: desenhos, literatura de cordel, montagem de fotos e notícias, painéis, faixas, cartazes, murais, acampamentos e reassentamentos. Cebes, novenas, círculos bíblicos, grupos de reflexão, de jovens, de mulheres, de rua, trabalhos comunitários, mutirão, horta, tanque, forno, roça, jardim medicinal, romaria da terra e outras com propostas libertadoras, comunitárias, missa dos mártires, Campanha da Fraternidade, festas, folclore, jograis, teatros, encenações, jornal mural...

Força imensa da evangelização, organização e mobilização da comunidade, é o sindicato autêntico, o partido com propostas libertadoras na linha evangélica, associações engajadas, compras comunitárias, clubes de serviço, movimentos de consciência negra, de direitos humanos da mulher, de justiça e paz, dos sem-terra, de moradia, grupos de mentalização, ecumenismo, missões populares, projeto Igrejas-Irmãs, círculos bíblicos, datas comemorativas, projetos de saúde comunitária, hospitais comunitários, centros de assessoria, de comunicação, rádio-popular, alto-falantes e todas as pastorais específicas...

Os MCS massivos não permitem resposta concreta, diálogo, enquanto os meios alternativos fomentam nos grupos o diálogo, o debate, a criatividade, o envolvimento, a integração. No anúncio do Reino, Je-

sus coloca toda sua infinita paixão comunicativa que impulsiona, desperta, ativa, empurra os discípulos a se doarem. *Quando motivado, o povo se mobiliza.* E povo mobilizado pelo Evangelho é profeta que anuncia e denuncia, e constrói o "Reino de Deus que também é nosso". Mas, a maior ferramenta do povo é a Bíblia. Cristãos e Bíblia são irmãos: A Bíblia na mão do povo re-cria a Igreja de novo.

A Igreja tem, no Brasil, cerca de dez mil obras assistenciais. Melhor seria delas não precisar. E quantos Religiosos trabalham nelas! Não seria de rever nossa posição e de nos envolver mais nesses meios alternativos de evangelização? Só vive em comunhão quem tem participação.

Questão para a reflexão:

— *Como colocar a semente do Verbo nos meios alternativos de organização e mobilização?*

### III — **Desafios e pistas para a evangelização popular**

A coragem é suporte para os desafios. Religioso que é religioso vive de desafios. Incorpora experiências entre o povo. Sua vocação é servir a comunidade do povo, na missão de evangelizar. Vejamos alguns itens que podem ajudar:

#### 1. **Metodologia**

A melhor metodologia é a de Jesus. Direta e em grupos, circular, de mão-dupla:

a) *Agir em conjunto*, numa ação comunitária. A comunidade é evan-

gelizadora. Cada um com sua ferramenta. Aí a obra cresce.

b) *Valorizar cada pessoa, cada passo* e as pequenas lutas, as linhas de ação; ir vencendo devagarinho e sempre, conforme as pernas.

c) *Somar forças participativas:* da comunidade local, dos diversos serviços e movimentos da paróquia ou diocese, do sindicato, das religiões, dos partidos.

d) *Formar animadores de comunidades*, mais animadores que líderes, nascidos do chão da comunidade, com rotatividade nos serviços, para que todos sejam receptores e sujeitos de evangelização.

e) *Fazer ações concretas populares:* caminhadas, concentrações, romarias comunitárias, tribunas livres, manifestos de solidariedade, abaixo-assinados, celebrações de apoio.

## 2. Inspiração

Religioso que não puxa a Igreja para frente, é infiel. Atrasa a obra de Cristo. Formar comunidades no meio do povo não é só ficar a torcer para que isto aconteça mas é engajar-se como Jesus, confiando na força do Evangelho. Há crentes com um mínimo de preparo e cursos, sem retiros, noviciado, horas canônicas e vida comunitária com três votos..., e entusiasмам milhares de ex-católicos que eram "peso-morto" entre nós. Conseguem "no poder do Espírito", dizem. Enquanto nós, com cabedal de força e preparo não conseguimos. Falta-nos "o poder do Espírito" ou maior inserção?

A Vida Religiosa não tem muitas missões: uma espiritual, outra cultural, outra promocional... Ela tem a única missão de viver e anunciar o Evangelho. Não se é Religioso para si mesmo, nem para administrar obras e paróquias, fechar janelas e portas de conventos e ficar lá dentro sereno. *Religioso não pode ser fermento forte em frasco fechado.* Não é sal ensacado, nem luz mortíca. A Vida Religiosa no Brasil tem grande número de pessoas consagradas, liberadas, assalariadas e de tempo integral a serviço da evangelização. E por que a cada dia "perdemos" gente para os crentes, e não "atraímos" para a salvação (At 2,47)?

Importa investir mais dinheiro e pessoal, tempo e serviço diretos na construção do Reino, *inspirando idéias, impulsionando* atitudes, esperanças e perspectivas, *animando e capacitando* pessoas e movimentos libertadores, *não temendo* mudanças *nem tolhendo* energias do povo. O povo espera isto, como declamou um jovem recém-crisinado:

"Até o papa hoje em dia sai pelo mundo a gritar. Não fica naquele trono, sentado a rezar. Sentindo como é o povo, ele se veste de homem novo dizendo: Vamos lutar."

## 3. Celebrações

Liturgia é comunicação com Deus e entre as pessoas. É rua de duas mãos, dois sentidos. Liturgia fria, neutra, unilateral, nada comunica. Antes, atrapalha, esfria, distrai, en-

gana, aliena, enjoa, mata. Celebração é festa antecipada do Reino na casa do Pai. Deus gosta do mundo, tanto que nele acampa para sempre, para poder comungar "alegrias e esperanças. (GS 1) conosco. A vida do povo é matéria de oração, em cima da realidade (Am 5,21; Ecl 34,18-24; At 4,32-35; Tg 1,26-27; 1 Cor 1,11; Hb 11).

Descentralizem-se Liturgia e Palavra. Repartam-se os ministérios, lindo jeito novo de a Igreja ser. A comunidade toda seja celebrante da aliança, da ressurreição. O povo peça perdão. Diga frases de louvor. Crie comunicação com Deus e os irmãos. Faça preces, agradecimento. Quando o povo participa, sua alma se expande, como cantou Luiz no final de um culto:

"A voz do povo está vibrando, louvando a Deus em canção, lembrando vitórias e lutas e atacando a maldita opressão; é o verdadeiro clamor do povo, brotando da nossa religião."

#### 4. Textos

Desenho, até analfabeto lê. Todo o texto seja popular, didático, comunicativo, corajoso, simples, não direcionado, e se possível, feito pela comunidade. Dê-se espaço a iniciativas que a fé descobre. — Todos os meios alternativos de comunicação devem ser compreensíveis ao povo. Todo o símbolo deve falar por si. O texto é apenas *um* roteiro, um rumo, uma muleta. É como o leito de um rio, para o qual correm muitos outros. No final de encontros, é bom resumir

a idéia central em forma de palavras de ordem: "O exemplo eu vos dei, amai-vos, como eu vos amei." — "Só vive em comunhão/quem tem participação." — "Comunidade unida, vitória garantida." Deixar o povo falar. O agente tenha alma de João XXIII:

"Veja todas as coisas, corrija algumas e deixe passar muitas". Um exemplo: — Uma mulher da periferia, segurando a imagem de N. Sa. da Salette, no final duma reunião exclamou em alta voz (Lc 1,42):

"Me tocou o coração esta imagem de Maria. Ver o seu povo sorrindo, é o que ela mais queria. Se ela vivesse aqui, hoje, ela morava na periferia."

Reduzir as burocracias. Autoridade significa ajudar a crescer e a ser autônomo. Autoritarismo é sufoco. "Entre vós não seja assim". Há quem diga que a Igreja está em crise por falta de autoridade. Que Igreja está em crise? A que tem novo jeito de ser, não. Pode haver crise numa Igreja-cristandade. O povo percebe a diferença entre os diversos tipos de Igreja. Quem evangeliza não é só a hierarquia, mas também a comunidade. Nosso papel é fornecer material, coordenar os passos, abrir perspectivas, somar. E se todos os meios alternativos forem bem usados, a construção do Reino aparece.

#### 5. Não se assuste!

A evangelização é plena e fecunda quando penetra todas as dimensões da pessoa: afetiva, cultural,

política, social, econômica, religiosa, moral, comunitária. Penetra e ativa essas forças. A Igreja é fermento nestes campos. Do contrário, "perde o seu poder... e será pisada".

Igreja que batiza gente descompromissada com a comunidade; que crisma adolescentes para "desaparecerem" logo; que celebra eucaristia onde não há conversão; dá comunhão a todo que vem na fila; absolve a quem não muda de rumo; casa para algum tempo; unge agonizantes; ordena a quem não opta ser pastor e profeta; benze organizações opressoras e reza missa para inaugurar coisas... Igreja que cultiva piedade intimista, movimentos verticalistas, com pastoral "em cima do muro", ou com projetos vultosos vindos de longe e de cima... Igreja assim — se existe — é pelo menos alienante, ritualista.

Se o povo de Deus se apossar do saber do Espírito Santo, do saber da Bíblia e, na liberdade, cultivar esta fé, desenvolverá em si: a capacidade de decisão, o planejamento participativo, a consciência política, o gosto pela religião, a vida de comunidade, a força da evangelização.

Neste caso, a Igreja crescerá quantitativamente porque toda ela será evangelizadora, e crescerá qualitativamente porque o cristão passará de "ouvinte da palavra" (Tg) e objeto de evangelização, a sujeito comunicativo e construtivo. Então, construiremos o Reino e a Igreja à medida em que soubermos trabalhar com os meios de comunicação" (J. Paulo II em P. Alegre).

Questões para a reflexão:

1. Como entender corretamente e como viabilizar a Nova Evangelização pedida pelo Papa?
2. Que tipo de Vida Religiosa estamos gestando para o novo milênio?
3. Que crises e desafios nos oferece a proposta da evangelização popular pelos meios alternativos de comunicação?

## Conclusão

1 — Batem uma campainha para a celebração num pavilhão de madeira, acolhedor. Anda um ar de festa no rosto das pessoas. É gostoso ficar com essa gente, cordial, contagiante. Ninguém se olha com estranheza. Todos se conhecem, se gostam. Nunca tinha sentido essa participação e comunhão de que fala Puebla (30). Comunhão com Deus é para eles participação na vida de cada um. É uma religião de verdade.

2 — Nunca tinha visto os celebrantes, ministros da eucaristia e a equipe litúrgica. Nem os conhecia. Quando foram ao altar, achei que iam dominar a comunidade, toda de olhar sereno e recolhido. E tive de pedir desculpas a Deus e a eles, por pensar isto, porque a celebração foi verdadeiro diálogo entre homens e Deus.

O ato penitencial me tocou em profundidade. Louvaram a Deus com convicção, instrumentos, símbolos e alegria. Deus parecia estar vivo, aí, "no meio de nós", ouvin-

do, falando, sorrindo com sua família. E as leituras? A Bíblia passou de mão em mão sobre a cabeça do povo. Uma nobreza, a proclamação! Que comunicação entre o leitor e o público! Falava com delicadeza e respeito a Palavra do Livro. E a mensagem ia penetrando, se aninhando na alma. O Espírito Santo a aplicava à vida. O Verbo ia se fazendo carne na carne de seus irmãos. Parecia a anunciação: cada um era Maria recebendo o recado do Pai, a encarnação do Filho e a presença do Espírito. Toda a comunidade era celebrante.

3 — Quando alguém coordenou a partilha da Palavra, bem, nunca sentira tanta vontade de unir vida e fé. O pessoal falava o que lhe ia na alma e no chão: uma coisa só, religião e vida, porque contavam o sofrimento daquela família; daquele pai desempregado; a falta de casa para aquele casal novo, vindo há poucos dias... Convidavam-se para a caminhada contra a carestia. Deram recado para encontros de círculos bíblicos sobre Fé e Política. Marcaram encontros para conseguir manilhas e encanar o esgoto... e tudo era ligado com a Bíblia, tudo sintonizado na comunidade. Deus aí era o Pai que acolhia o filho pródigo, fazia festa em casa. Deus agia no povo e pelo povo, com o povo e para o povo. Gravei coisas lindas que me ajudaram viver durante a semana: comentários, cantos, preces, gestos, convicções ficaram em mim. Não

me encheram a cabeça com recados inúteis. Tudo foi compromisso comunitário.

Senti bem claro que Igreja aquele povo quer ser: Igreja simples, participativa, comunicativa, evangelizadora. E como não possuem meios de comunicação sofisticados, descobrem mil maneiras de comunicar a fé, de sintonizar o coração do irmão. Lembrei dos Apóstolos que, ao iniciarem a evangelização do mundo, não tinham apostilas, altofalantes, carros, televisão e emissoras, mas tinham o maior poder de comunicação: o amor.

4 — Depois da celebração me disseram que tudo o que acontecia na igreja, era vivido fora dela, na catequese, nos cursos de batismo e noivos, nos sacramentos, nos grupos de reflexão e jovens, nos movimentos comunitários. Tudo a serviço da mesma construção do Reino de Deus "que também é nosso", garantiu alguém.

E eu..., vendo que vivem no panorama fraterno do Evangelho, tive vergonha e quis sair às escondidas, por não me sentir à altura, apesar de falar e escrever tanto sobre Igrejas, Sacramentos, Jesus, Mandamentos, Animação de Comunidade.

— Onde fica essa comunidade? Existe essa Igreja? Não poderia ser a sua? Se aproveitarmos melhor os meios de comunicação alternativa, na evangelização popular, essa utopia é força que concretiza o projeto de Jesus: todos evangelizadores.

# RELIGIÃO:

## FATALISMO OU COMPROMISSO?

*Existe uma religiosidade que tenderia a um modelo mais fatalista? Quais seriam suas características? Há uma religiosidade mais ligada a um modelo de compromisso? Que se entende por isto? Religiosidade, algo um tanto vago. Abrange tudo e não diz nada.*

**Pe. José Luiz Cazarotto, SVD**

### 1. Limites da presente reflexão

Efetivamente não se pode esperar que todo o temário da religiosidade possa ser desenvolvido em poucas páginas sem que com isto muitas coisas fiquem fora e outras sejam apresentadas de modo truncado. Esse texto não quer ser um trabalho final, mas uma reflexão de meio de percurso, de tal modo que pode ser vista como tendo dado já uns passos e que entretanto, tem novos passos e direcionamentos a dar.

Apresentando de um modo amplo, todos temos nossa religiosidade e com isto não é difícil entender o que se passa com os outros — a menos que nos amedrontemos ao ver o que se passa conosco. A abordagem de qualquer realidade humana ou não passa por elementos intermediários, uma vez que todo o conhecimento é sempre mediado e o mundo vem a nós através de "instrumentos". A religiosidade hu-

mana já teve as mais diversas abordagens e teve também as mais diversas conclusões. Nas ciências do homem isto não é novidade. Isso tudo se deve a métodos, ingerências ideológicas, instrumentais, etc. Entretanto o mundo humano nos escapa como a água por entre os dedos; ainda que saibamos de sua existência e consistência, sua apreensão e compreensão supera nossas capacidades. Disto se depreende a importância de se elaborar uma permanente reflexão e fazer de toda a reflexão um ponto de vista que, embora considere a paisagem, tenha ciência de o fazer de um lugar.

### 2. Estruturas básicas do homem diante do mundo

#### O Mundo das relações

Os conceitos aqui utilizados advêm basicamente da Psicologia, Sociologia e Psicanálise. Brotam de reflexão e observação das mais di-

versas situações das pessoas. Têm validade relativa, uma vez que não dão conta de toda a realidade humana. Tenho percebido que dão conta de vários aspectos e que são úteis quando utilizados com perspicácia, na compreensão do mundo interior com que cada um de nós nos confrontamos, de modo especial quando buscamos entender a religiosidade como um aspecto da vida humana. A idéia básica é simples: o homem é um ser de relações: primeiro consigo mesmo, depois com seu espaço e por fim com um tempo (história). Estas relações, a partir de sua origem, vão formando "organizações" de sentimentos, pensamentos, atitudes e, em síntese, organizando uma postura de cada um diante do mundo, de si e de tudo o mais. Estas organizações são dinâmicas no sentido de que tendem a manter-se e a alterar-se ao mesmo tempo dependendo dos elementos com que podem contar.

O homem não está diante do mundo de modo neutro, inocente e apático. Nascemos em um mundo de relações — antes mesmo de nascer já somos fruto de relações. Estas relações marcam tudo. Influem grandemente em nossas considerações a respeito dos outros, do dinheiro, objetos, visões da realidade, religião, filosofias, sentimentos, etc. As nossas relações vão marcando também nossos posicionamentos, nossos pontos de vista, nossos momentos de singularidade em que somos únicos.

Quando é que começa o mundo do relacionamento na pessoa hu-

mana? É muito difícil dizer quando começa a realidade humana. Se considerarmos apenas o indivíduo, temos um limite razoável que seria sua concepção, mas este sujeito nasce dentro de uma cultura que já conta com milhões de anos, encontra um momento político da maior ou menor duração, etc. Tudo isto tem sua influência e de um modo ou de outro, passa a fazer parte do instrumental de relações do homem já ao nascer.

Estas relações básicas — do homem diante de si, do espaço e do tempo — vão formando modos de ver a realidade e podem se estruturar em modelos mais ou menos rígidos, de tal modo que, com o tempo, este instrumental passa a nos dizer não só como nos posicionamos ante o mundo, mas até o que é esse mesmo mundo. É um fenômeno fácil de se perceber nas pessoas viciadas em suas profissões, ou seja, as que vêm tudo a partir do enquadramento das próprias atividades. Foram se tornando insensíveis a outros aspectos e relações. Independentemente das alterações circunstanciais, vivem sempre o mesmo papel.

Quais seriam estas "organizações" básicas? A quem elas se referem? As nossas relações fundamentais estão referidas a três campos: ao próprio sujeito, ao espaço em que ele vive e à dimensão do tempo. De modo geral pode-se dizer que esta separação de campos é artificial e se presta apenas para uma observação didática, uma vez que nós sempre estamos na seguinte situa-

ção: sendo alguém em um espaço e num determinado tempo.

As relações que alguém desenvolve com os outros — desde a mais tenra infância — propiciam o surgimento de um sentimento, de um modo de ser, de “funcionar”. Esta organização básica e primeira é a Segurança. É o sentimento do indivíduo ante si mesmo, que nasce das relações com os outros significativos (pais, irmãos, e demais pessoas que mantenham algum tipo de relação com peso afetivo). Ante nós mesmos não estamos neutros: — se não estamos seguros, estaremos inseguros. O ponto de partida para este sentimento está na acolhida com que fomos recebidos ao chegarmos ao mundo e nas demais acolhidas. A acolhida é a geradora da segurança, assim como a rejeição é a mãe da insegurança (a organização oposta). O valor que damos a nós mesmos não é algo definido e definitivo. Ele brota deste mundo da relações e com isto temos uma infundável gama de possibilidades. Podemos nos sentir seguros em determinados aspectos e inseguros em outros, mas ante nós mesmos o ponto de partida será sempre a acolhida — e acolhida é um acontecimento relacional e humano (não há acolhida por telefone). É compreensível que uma relação amorosa, acolhedora, generosa, propicie um sentimento diverso que uma eivada de rejeições, amedrontamentos e opressiva. Isto que vale para as relações pessoais, vale também para as relações sociais. Os diversos grupos sociais e povos se tratam também de tal modo que engendram sentimentos de in-

ferioridade, mimetismos macaqueantes, etc., ou atitudes de auto-estima e de valoração das singularidades. A acolhida é uma relação de admisão do diferente, do outro, do novo. Não há acolhida quando se exige que o que chega seja como o que já está. Não são de hoje as lutas entre pessoas e povos só e exclusivamente só, pelo fato de serem diferentes. O que é diferente “ataca” nossa segurança ilusória; a presença do diverso elimina a possibilidade de nos sentirmos seguros na ilusão. Muitas religiões, povos e sociedades inteiras foram eliminados por causa disto. Nada desperta em nós maior furor que a instabilidade diante de nós mesmos. É claro que com isto podemos buscar construir uma sociedade de homens seguros ou inseguros; a partir disso, temos uma sociedade totalmente manipulável ou não. — Um povo inseguro pode ser imobilizado ou levado à guerra com um fantasminha qualquer.

A Segurança/Insegurança é a organização primeira de nossos sentimentos e com isto, de nossa postura ante a realidade. Ela dá conta do modo como nós nos sentimos diante de nós mesmos a partir das nossas primeiras relações com as pessoas. É dinâmica no sentido de que ela tende a manter-se e a alterar-se em vista das diversas circunstâncias. Essa estrutura primeira é fundamental para as demais e é em cima do modo como ela se dimensionou que as demais vão ter sua gênese.

A primeira necessidade do ser humano é ser acolhido e a partir

desta nasce a segunda que é a de ocupar um Espaço (nos seus mais diversos sentidos: físico, social, cultural, político, etc.). O Homem é um ser espacial e em grande parte ainda territorial, segundo a Etoologia. Vive e se “encontra” em um determinado espaço: endereço, pátria, chão. Isto já está presente na infância, ainda que fortemente carregada de influências das figuras parentais: nos referimos à casa dos pais, à sua origem, etc. Entretanto, à medida em que crescemos vamos fazendo outro “mapa sentimental” e organizando nossa geografia a partir de nossa experiência própria.

O evoluir destas experiências desde o engatinhar, andar, “pesquisar” e incursionar pelas redondezas, etc., favorece o surgimento de uma segunda organização de experiências e sentimentos, intimamente ligada à anterior, e a esta “organização” vamos chamar de Autonomia. Evidentemente, esta experiência é vivenciada dentro de um mundo referencial, considerando-se o apoio que quem faz as experiências recebe ou não. É como se a criança, ao fugir de casa, considerasse ao mesmo tempo o conhecimento de novidades e a reação da mãe; em muitos casos a reação da mãe é mais importante e gera mais temores que as novidades encontradas. Às vezes não posso deixar de fazer uma inferência, neste sentido, no modo de agir da Igreja à época dos descobrimentos em que a ela se recorria para que apoiasse as aventuras e ao mesmo tempo dividisse as descobertas como se com isto “as crianças” se sentissem mais seguras em suas incursões.

A Autonomia seria então uma organização de sentimentos, experiências e vivências tal que permitiria o indivíduo movimentar-se, constituir e construir caminhos, e não apenas percorrer os já traçados; dá a possibilidade de ter uma vocação singular, e não apenas um papel social que tem características de ser previamente dado em um contexto social.

Assim como na primeira organização temos duas possibilidades em termos de extremos: Segurança e Insegurança, também neste caso podemos nos encontrar ante duas maneiras de se relacionarem as experiências: a Autonomia e a Dependência. A dependência brota de um modo de constituir o espaço a partir da referência excessiva às circunstâncias: pais, leis, costumes.

A dependência caracteriza o homem circunstancial, aquele que vive em função do seu meio imediato: espaços físicos, social, cultural e político. É incapaz de criar seu próprio espaço, uma novidade. Ele é tributário de suas circunstâncias — não é Autônomo, é autômato — e delas dependente. Não deixa de ser significativo que o castigo mais comum em toda a humanidade seja a prisão que impede o homem de andar, de constituir algo de original, uma novidade. As ditaduras temem exatamente estas pessoas que andam e podem dizer que nem tudo é de um jeito só. Um homem preso acaba pensando o que as quatro paredes permitem: nada.

Com isto estamos apresentando um outro aspecto da vida humana,

muito significativo, que dá conta da mobilidade do homem ante a vida. O fato de o homem crescer em um espaço e movimentar-se nele, não é algo pronto e definido. Tem implicações nas mais diversas atividades e no modo como o homem se constrói: criador ou reprodutor, autônomo ou dependente, circunstancial ou independente. Esta organização influencia por demais os aspectos políticos, educacionais e religiosos; de um modo preponderante, aquelas atividades que implicam ritos e ritmos.

À medida em que o homem se desenvolve, surge um terceiro modo de dinamizar sua realidade e novamente interligada com estes aspectos que acabamos de ver: é o fator tempo. O homem é alguém no espaço com um determinado tempo. A nossa temporalidade não é algo de que se tenha muita consciência na infância; ela se constitui com o passar do tempo e é provavelmente uma experiência juvenil.

Parece ser na adolescência que percebemos que o tempo para nós tem um início e um fim inexorável. Com as experiências vamos percebendo também uma certa "qualificação" no tempo — que tendemos a medir e quantificar a partir de relógios. Quantas vezes não nos defrontamos com esperas esperadas que demoram! E as indesejadas que vêm antes do tempo!

Este aspecto de homem temporal dá conta do fato de podermos ser singulares, não vivermos apenas em termos de uma "cronologia", mas sermos capazes de uma "cairolo-

gia". Somos capazes de fazer do passar um acontecer. Em tese, temos um passado mas não precisamos apenas sê-lo, podemos "futurizar". Quanto mais amplo é o horizonte de tempo da pessoa humana tanto maior é seu espaço de liberdade. A liberdade é um acontecer histórico — não apenas temporal — e só quem constitui sem tempo pode fazer história, ser livre, fazer-a-hora, construir um dito. Os que não conseguem isto estão condenados a reproduzir seu passado, refazer os ditos como algo já pronto e fixo.

Esta experiência ante o tempo e a temporalidade da vida faz surgir uma nova organização de sentimentos e vivências: a Esperança — que se contrapõe ao Desespero. A Esperança seria então a capacidade de o homem, que é seguro do próprio valor e capaz de caminhar no Espaço constituindo um caminho, constituir também seu tempo. Isto dá conta de que o homem não tem apenas uma identidade, mas mais que isto, é uma singularidade. De certo modo manifesta o ser humano como mistério — não se pode compreendê-lo por comparação, uma vez que não há outro para referi-lo. A história da Esperança de uma pessoa é a história de seu tempo, de sua memória, de sua originalidade, de seu nome (vocação única). Vale do mesmo modo para os povos, as comunidades. Não é de hoje que se controla a memória das pessoas, dos povos. É a pedra fundamental se se quiser controlar a liberdade. Quem controla a memória não controla apenas a lem-

brança do passado mas também a possibilidade do futuro.

### 3. A religiosidade e a Postura ante a realidade

A partir destes elementos podemos nos perguntar se estas "organizações" de sentimentos e vivências a nível pessoal e social podem iluminar a visão da religiosidade? Haveria uma religiosidade que tenderia a um modelo mais fatalista e que características teria? Haveria uma religião mais ligada a um modelo de compromisso? Que entender por isto? Que tem a ver com isto o Evangelho? A proposta de Jesus de Nazaré é uma proposta que pode ser lida como religiosidade? Um homem seguro, autônomo e esperançoso é ainda humano? O homem não é "naturalmente" inseguro, dependente e desesperado? E com isto a sua religião não seria decorrência disto e então fatalista?

Quando se fala em religiosidade falamos de algo um tanto vago, que abrange tudo e não diz nada. Tenho a impressão de que seria mais fácil falarmos de certos comportamentos religiosos, de certas práticas. Com isto estamos delimitando um campo e precisando mais o tema, e quem sabe podemos compreender melhor, ainda que seja um detalhe. Para isto vou deter-me apenas na prática devocional. Seria útil analisarmos as procissões, peregrinações, penitências, rezas e os rituais mil de que a religiosidade se reveste.

A prática devocional é em si ainda ampla e por isto dentro dela me

atenho à prática da promessa. A promessa está intimamente ligada à devoção, e pode ser entendida como uma espécie de compromisso e prática que brotam em determinadas circunstâncias. É evidente que a grande maioria das promessas são feitas em circunstâncias graves e para "santos" próximos e que de algum modo, podem dar conta do pedido, pelo menos dentro da visão de quem faz a promessa. O que há por trás disto?

Podemos nos perguntar o que leva uma pessoa a assumir compromissos que beiram o impossível? Naturalmente, pode ser uma situação de extrema insegurança em que a pessoa busca, de um ou outro modo, garantir um mínimo de apoio, tanto diante de si como diante da realidade, e para isto conta com uma ajuda que julga ser valiosa: o santo de devoção. Como este santo adquiriu essa importância? A grande maioria das experiências devocionais advêm do fato de que, de algum modo, a pessoa tem se sentido acolhida. Seja por outra pessoa devota do mesmo santo, seja pelo santuário visitado, seja por elementos tradicionais, ou qualquer outra circunstância: alguém me acolheu e com isto me senti seguro, valorizado, considerado. Agora que estou em uma situação precária retorno a esta "fonte de certeza". Diretamente, não interessa se o pedido vinculado à promessa foi ou não atendido, isto em si é secundário: o que importa é a relação estabelecida.

Numa situação de Insegurança busco segurança no apoio do meu

santo de devoção dentro do esquema de promessa. A consequência é que renovo minha sensação de autonomia, e a esperança volta dando uma sensação de total proteção e serenidade. Entretanto, há todo um conjunto de comprometimentos subjacentes: a Segurança está vinculada a uma relação; a relação gera uma Dependência que é uma determinada prática (que às vezes interfere em todos os aspectos da vida diária) que deve ser seguida; e a Dependência pode gerar uma Esperança ilusória uma vez que a relação devocional não permitiria a evolução de uma pessoa singular, mas apenas de um devoto, alguém que vive segundo o modelo do "santo". O modelo da promessa estaria gerando um modelo fatalista de religiosidade: o homem se encerra dentro dos parâmetros das exigências do "santo".

A partir disso pode-se fazer uma reflexão semelhante com as demais práticas religiosas. Que seria a visita a santuários? Como entender os modelos mágicos das rezas?

"A setenta anos vai a vida do homem; fato notável quando chega a oitenta e a maior parte..." "Somos como o capim que hoje viceja e amanhã nem se sabe onde esteve..." Que pensa Jesus de Nazaré da religiosidade? Apesar de o

Novo Testamento (e a Bíblia como um todo) apresentar muitas faces da pessoa humana, é difícil definir com uma frase. Jesus mesmo fala constantemente de seu compromisso com a "vontade do Pai". Manifesta uma constante autonomia, não só em termos de ficar andando de um lado para outro, mas principalmente em termos de pensar e falar coisas novas e originais, e não ficar repetindo o que os "antigos" disseram. Por outro lado diz: "Pai, por que me abandonaste?" O que, em síntese, se pode dizer, é que nós somos seres entre estes dois campos: Segurança-Autonomia-Esperança e Insegurança-Dependência-Desespero. Estas organizações que vamos elaborando mais ou menos, pela vida, vão interferindo também em nossa prática de religião, e a compreensão desta prática passa pela compreensão de nosso momento. Além disso, não podemos desconsiderar que pode haver uma manipulação de nossa vida sentimental, de tal modo que se pode induzir populações inteiras a uma religiosidade que no fundo é apenas o resultado de uma geração de Insegurança-Dependência e Desespero. Daí a necessidade de uma outra crítica, não proposta pela presente reflexão, a de se analisar o "deus" a que se serve com a prática religiosa. □

---

*VER* a realidade pela experiência de vida. *JULGAR*: iluminá-la com o juízo da fé. *AGIR*: mudá-la através de um compromisso cristão coerente e exigente (*Pe. Marcos de Lima, SDB*).

# RESISTÊNCIAS À EXPERIÊNCIA DE UNIÃO COM DEUS

*A resistência a experiências unitivas com Deus que acontece com pessoas que têm uma relação consciente bastante desenvolvida com o Senhor é positiva, agradável e paradoxal para quem a vive.*

Pe. William A. Barry, SJ

## **I. Resistência à união: uma força virulenta (1)**

Geralmente, quando pensamos na resistência a uma intimidade mais profunda com o Senhor, a questão gira em torno do desejo de se evitar a dor. O homem teme que Deus o puna por seus pecados se ele se aproximar muito do Mestre. Ou a mulher evita uma relação mais pessoal com o Senhor porque tem medo de ser cobrada quanto à mudança de seu estilo de vida. Santo Inácio parece sustentar esta linha de pensamento em suas regras para o discernimento de espíritos. Para aqueles que estão avançando em direção à perfeição, ele diz: "... É próprio do espírito mau incomodar,

entristecer e pôr impedimentos, inquietando com falsas razões, para que não se passe adiante" (2).

Um fenômeno pouco ressaltado na literatura é a resistência que parece fundar-se no ato de se evitar uma experiência prazerosa com Deus, algum tipo de experiência unitiva.

Por alguns anos, estive intrigado com algo que me ocorrera. Estava no meu ano sabático, na ocasião, quando passei grande parte do tempo só, na casa da praia, escrevendo. Por cerca de dez anos antes disso, havia sido muito ativo, hiperativo de fato, no excitante e gratificante trabalho apostólico. De forma que este ano me deu mais tempo para oração e reflexão. Mas o período deste ano sabático, sobre o qual desejo falar, não foi tão tranquilo. Era recém-chegado da Jamaica, onde havia passado três semanas dirigindo retiros e supervi-

---

*Este título não existe no original inglês. Foi introduzido pelo tradutor para melhor conjugar os diferentes artigos publicados separadamente pelo autor.*

sionando a inauguração de um centro de treinamento para diretores espirituais, e então voltei à casa da praia por umas duas semanas. Senti-me assaltado por temores pessoais e ansiedade. Nessa época, fiz um retiro de fim-de-semana, durante o qual rezei pedindo por uma confiança mais profunda no Senhor e um amor sincero por ele e por seu povo. Minhas anotações daquele fim-de-semana indicam que de fato experimentei uma crescente clareza de foco em minha vida e um sentimento cada vez mais intenso da presença e atração do Senhor. Não me recordo bem das duas semanas que se seguiram, mas guardo uma memória bastante viva do período de uma quinzena, o qual incluía uma viagem a Dallas para participar de um retiro intensivo de cinco dias. Durante esse período estive em um estado a que posso descrever apenas como "o fluxo". Reexaminando esse tempo, parece-me que estava muito frequentemente consciente da presença de Deus. Periodicamente compreendia que a atmosfera em um grupo ou com um indivíduo estava carregada de uma Presença que era palpável. Muitas vezes me encontrava confiando a Deus as pessoas com quem estava, mas ainda era bastante presente a elas. Outros experimentavam algo diferente, mas bom, em minha presença. Sentia-me capaz de fazer com maior facilidade e rapidez as coisas que normalmente me tomariam bem mais tempo e energia. Dedicava-me de corpo e alma à minha tarefa sem me importar com o passado ou com o futuro. Lembro-me de que esse foi um pe-

ríodo em que conseguia, por quase todos os momentos, seguir o velho axioma, *Age quod agis* (Faça o que está fazendo), e ainda assim era-me fácil e agradável estar só.

Algo porém me aconteceu e me tirou do fluxo sem saber o que era. E o que é mais surpreendente, não notei a mudança e nem tentei descobrir o que ocorrera, assim como não fui capaz, nos anos que se sucederam, de pedir ao Senhor, do fundo do coração, que me devolvesse toda aquela devoção. Seria natural imaginar que a desejasse incessantemente. Parecia-me uma forte resistência, mas, pela minha experiência de vida, não posso dizer que tenha sido doloroso, ao menos não mais doloroso que a própria vida. De fato, minhas recordações são de um tempo excitante, vivo e bem mais alegre do que o normal.

Entrementes, volta e meia conhecia pessoas que tinham tido experiências similares. Ou seja, elas me falavam de experiências religiosas muito positivas, inexplicavelmente seguidas por períodos de fuga da oração, e esta seqüência as confundia. Em um caso, uma pessoa em retiro falou-me sobre quatro períodos de oração em um dia, tão confortantes e comoventes que ela sentiu o quanto o Senhor a amava e apreciava sua companhia. No próximo dia de retiro ela decidiu que seria melhor aproveitar as horas de oração para fazer planos para seu trabalho apostólico após o retiro. Apenas quando observamos como a sua oração havia mudado é que ela pôde perceber que se estava

afastando da experiência positiva do dia anterior. Tais experiências costumam ocorrer a pessoas que levam muito a sério a vida espiritual e a sua relação com o Senhor, de forma a rezar regularmente e a procurar um diretor espiritual. Em outras palavras, não são neófitos na oração. Comecei a formular a idéia de que algo em nós não podia tolerar muita intimidade com Deus. Como diretor espiritual, ajudava as pessoas a perceber a ambivalência e a pedir o auxílio do Senhor para superá-la. Todavia eu mesmo custava a seguir o exemplo.

Esta pressão de resistência parecia especialmente forte, e comecei a imaginar qual seria a sua origem. De fato, a pressão parecia tão forte, tão inflexível que me lembrou o grito atribuído a Lúcifer: "Eu não servirei", e então considerei que o espírito do mal deveria ser ao menos uma das origens, senão a principal. Sentia também que a origem devia estar naquela parte de nós que não pode deixar Deus ser o único porque queremos ter o controle. Um fio bastante forte da tapeçaria bíblica parece ser as constantes tentativas de Deus de provar a nós, homens, que ele, o Próprio Mistério, o Santo, é realmente benigno, realmente confiável, e ao mesmo tempo, nos encontrar radicalmente relutantes ou incapazes de acreditar nele, só porque fazê-lo significa desistir da ilusão de controlar nossa vida.

Recentemente li o *Saúde da Mente, Saúde do Espírito* (3), de Gerald May. Em certo ponto ele cita um cliente que está confuso por se ter

tirado de uma experiência muito positiva com Deus. Ao invés de encarar tal comportamento apenas como outro exemplo de neurose, May percebe que o "dirigido está lutando com a simples existência da auto-imagem, frente à apreciação íntima do divino" (4).

Posteriormente ele diz no livro:

Ironicamente, uma pessoa pode ter grande dificuldade para rezar após ter passado por uma experiência especialmente bela confortante. Tais experiências geralmente implicam em uma ameaça inconsciente à auto-importância, apesar de sua beleza evidente. A reação da pessoa a isso pode às vezes ser o afastamento da oração por um tempo, e esta pode encontrar-se confusa (5) em relação ao motivo.

Em um artigo anterior May comenta a "profunda ameaça e ansiedade" que a experiência espiritual gera.

A experiência espiritual torna-se ainda mais ameaçadora quando é encarada como uma percepção exata do jeito-que-as-coisas-são, mais do que como algum tipo de "embriaguez" isolada. Particularmente quando a pessoa está no meio de tal experiência, não pode ocupar-se com definir-se a si própria... O ego, o senso de identidade e a auto-imagem da pessoa parecem evaporar-se quase que magicamente. E então ela é deixada simplesmente existindo (6).

May acredita que a ansiedade começa a crescer nos níveis mais profundos do nosso ser, e nós nos defendemos fugindo da experiência e ainda reprimindo a sua memória.

Podemos ser isto então? O que mais sinceramente almejamos é o que mais sinceramente tememos. Quando nos unimos a Deus, vemos a realidade toda, e não somos o centro dela. Esta "visão" é altamente gratificante e tranquilizante sob um aspecto, e altamente ameaçadora sob outro. Além disso, tememos a perda de identidade ao entregar-nos a Deus, embora nossa vivência contínua de encontros com ele indiquem o paradoxal oposto: que quanto mais próximos estamos de Deus, mais temos condições de sermos nós mesmos. Os patriarcas e profetas de Israel descobriram esta verdade paradoxal, Jesus levou-a a seu auge, e homens e mulheres santos ao longo dos séculos testemunharam essa mesma verdade. Nós mesmos tivemos sinais dela em nossa experiência. Todavia, apesar de toda a evidência, nós sempre recuamos como de um perigo de queda num abismo.

O que podemos fazer em relação a esta força virulenta de resistência? É muito fácil gritar para uma outra pessoa: "Você não tem nada a perder além de seus grilhões — ou seus antolhos", mas o que podemos fazer conosco mesmos? Primeiramente, seria de grande auxílio procurarmos um diretor espiritual, pois é natural que esta experiência nos deixe cegos ao problema. De fato, quando de minha própria experiência, não estava consultando um diretor espiritual regularmente, e assim pude evitar prestar maior atenção à mudança que estava ocorrendo. Mesmo se a pessoa tiver um diretor, o problema pode não ser alcançado se ela não falar da experiência positiva e da resistência

subseqüente. Os diretores espirituais devem ficar atentos à possibilidade da presença dessa força de resistência, pela compreensão de que a experiência espiritual, isto é, a experiência de Deus, parece prontamente disponível a qualquer um que a queira (7). Assim sendo, se um discípulo que deseja a presença de Deus não tiver a sua experiência por um longo intervalo de tempo, seria prudente rever o último período de oração consciente para ver o que ocorreu, antes de pensar rapidamente demais na noite escura (8). Não é que não haja fenômeno da noite escura: só que sua presença não deveria ser tão facilmente presumida antes que todos os caminhos fossem explorados.

Suponhamos que uma pessoa tenha, com o auxílio de um diretor, trazido à tona esse tipo de resistência. O que pode ser feito agora? Parece realmente fazer tanto parte da condição humana temer o que mais se deseja, a saber, a união com Deus, que as pessoas se desesperam para superar essa resistência. Desanimamos com a impossibilidade da tarefa, assim como um alcoólatra desanima ao pensamento de jamais poder tomar outro drinque. Poderíamos talvez pegar uma página do programa dos Alcoólicos Anônimos em que estes são encorajados a tirar um dia, uma hora, uma etapa de cada vez, e a admitir, diante de Deus, a sua impotência para salvarem a si próprios. Manifestamos a Deus o nosso profundo desejo de encontrá-lo e confiar nele, e nosso quase tão profundo medo de fazê-lo e de pedir a sua ajuda para superar a nossa

ambivalência — e continuar superando-a. Além do mais, precisamos nos lembrar de que esta força de resistência também se manterá viva por todo o tempo em que vivermos. Isto me faz lembrar o vírus da varicela que se aloja numa célula nervosa da espinha, depois de a doença ter tido o seu curso. A qualquer momento ele pode manifestar-se sob a forma de erupções cutâneas muito irritantes e dolorosas, conhecidas como herpes-zoster. Não há nada a fazer para livrar-se da força do vírus. O mesmo ocorre com a força de resistência descrita neste artigo. Não é de admirar que os santos pudessem compreender o quão pecadores eles eram, à medida que se aproximavam de Deus. Mas lembrem: “A luz brilha na escuridão, e a escuridão não a dominou” (9).

## II. O desejo de “amar como Jesus amou” e suas vicissitudes (10)

Discuti recentemente nestas páginas a resistência a experiências unificativas com Deus, que acontece com pessoas que têm uma relação consciente, bastante desenvolvida com o Senhor (11). Ressaltei o quanto essa experiência, à qual alguém se opõe ou evita, é positiva, e especulei sobre suas razões. Neste artigo quero examinar um fenômeno similar, porém de um ângulo ligeiramente diferente. Acredito que possa ser menos especulativo e mais experimental sobre as razões para essa resistência.

Em algum ponto do desenvolvimento do relacionamento de muitas

pessoas com o Senhor, o companheirismo com Jesus torna-se o foco. Essas pessoas conheceram-no como o seu salvador, aquele que as ama e a todos os seres humanos, a despeito de tudo o que fazemos para prejudicá-lo ou prejudicar uns aos outros. E seu amor é transformador: ele as capacita a virar uma nova página, a pedir perdão, a se arrepender e a acreditar na Boa Nova. Elas então desejam conhecer Jesus melhor, amá-lo mais e segui-lo, assim como Inácio de Loyola formula o desejo da Segunda Semana de seus *Exercícios Espirituais*. O fenômeno que quero examinar mais atentamente parece ocorrer quando o processo de conhecer e amar Jesus está bem adiantado. As pessoas começam a querer amar como Jesus. Tentemos seguir as vicissitudes desse desejo.

Após a experiência conversiva de aceitação do amor redentor do Senhor, as pessoas compreendem que a aceitação desse perdão as impulsiona a pedir pela graça de perdoar aqueles que as tenham ofendido. Portanto, elas já desejam amar como Jesus. Mas à medida que conhecem Jesus melhor, através da contemplação dos evangelhos, elas percebem que este tem muito pouco retorno em seu investimento de amor e contudo, continua amando. Talvez os exemplos mais claros ocorram quando as nuvens negras, que finalmente precipitam sua morte, começam a aparecer sinistramente. No evangelho de Marcos, Jesus prediz por três vezes a sua paixão, e três vezes seus companheiros escolhidos, seus melhores amigos, não o entendem. Após a primeira pre-

dição, Pedro tenta dizer-lhe que nada acontecerá. Depois da segunda, seus companheiros discutem quem será o número um. E após a terceira, Thiago e João pedem para sentar à sua direita e à sua esquerda. O que as pessoas percebem, depois de certo tempo, é que Jesus continua a amar esses seus amigos e aqueles que eventualmente pedirão a sua morte, assim como ele continua a amar Judas, seu traidor. Elas compreendem que Jesus também ama os líderes religiosos que se opõem a ele; o rancor que sentem por ele não bloqueia o seu amor.

Para aqueles que estão desenvolvendo seu companheirismo com Jesus, estas são realizações arrebatadoras. A princípio, podem ficar exultantes com o privilégio de conhecer tão profundamente o coração de Jesus. Desejarão ser capazes de amar como ele, e começam a imaginar alguns meios para alcançá-lo. Muito freqüentemente suas idéias são de fazer algo heróico desse amor, como deixar suas posições atuais relativamente seguras e seus lares, para trabalhar com os pobres em um país estrangeiro. Em vista da meditação sobre os três tipos de humildade nos *Exercícios Espirituais*, por exemplo, eles podem surpreender-se desejando antes "pobreza com Cristo pobre do que riqueza; opróbrios com Cristo carregado deles do que honras; ... ser tido como inútil e louco por causa de Cristo..." (12). Eles podem perceber certa hesitação ou mesmo repugnância, ao revelar tais desejos ao Senhor e ao imaginarem-se em uma terra estranha, mas essas coi-

mais e não como sérios obstáculos são tomadas como reações normais para continuar a seguir a Jesus e se igualar a ele. Intelectualmente conhecem suas limitações como seres humanos, mas também sabem, intelectualmente, que a graça de Deus remove montanhas.

Algo então acontece para deixar bem claro o quão firme e profundamente arraigada a montanha é de fato. Um homem, em um retiro de trinta dias, ficou obcecado pela "negligência" de um amigo íntimo, e com a ajuda de seu diretor, percebeu o quanto estava distante de realmente desejar amar como Jesus amou. Uma mulher, que havia anteriormente sonhado em viver e trabalhar com os pobres em uma zona perigosa, se viu incapaz e relutante em perdoar uma de suas colegas de trabalho, até a outra pedir desculpas. Uma pessoa em retiro começa a imaginar como seria concretamente amar como Jesus amou em sua comunidade religiosa, e então recusa abruptamente esta idéia, porque não teria credibilidade, por exemplo: — "Eles não entenderão como e porque eu mudei". Geralmente o "algo" que acontece toca direto na ferida e estoura o balão do auto-engrandecimento que sonha com belos atos heróicos para pessoas distantes.

Quando algo concreto assim ocorre, a oração pára de repente. O amigo "negligente" torna-se o foco central, por exemplo, e a pessoa começa a se preocupar com o que fazer para pôr o amigo "nos eixos". Ou a pessoa pode ficar desolada com as próprias falhas, e começar

a pensar que nada mudou depois dessa dedicação toda à oração. Ou o desejo de amar como Jesus ama é tido como ilusório, como forma de megalomania que merece ser estourada. De um modo ou de outro, a pessoa desvia os olhos de Deus e focaliza a si própria ou a outra pessoa qualquer. Se o foco é outra pessoa, provavelmente a questão gira em torno do quanto ela precisa mudar; é interessante, nada posso fazer para mudar o outro, e no entanto é a isso que dedico a minha atenção. Se o foco é a própria pessoa, geralmente o problema está na impossibilidade de eu mudar, de me tornar igual a Jesus, o que evidentemente é uma verdade absoluta, mas irrelevante. De fato, uma pessoa disse a Jesus: "Mas eu não posso fazê-lo", e senti que sua resposta foi: "Claro que não pode; quem disse que você podia?" Quer dizer, podia, se quisesse, pedir o auxílio de Deus para fazer aquilo de que não era capaz. Importante não era o sucesso em amar como Jesus, e sim a disposição de pedir a ajuda do Senhor.

Naturalmente, este é justamente o ponto de atrito. O que veio à tona foi uma repugnância a querer amar daquela forma, a querer amar sem certeza de retorno, a querer amar de fato, mesmo quando nenhum retorno equivalente é possível. Quando nos imaginamos amando daquele jeito, temos a impressão de estarmos diante da questão se Deus é suficiente para nós. Como este é, a meu ver, o ponto nevrálgico que desencadeia tão forte resistência, quero examiná-lo cuida-

dosamente para que se compreenda o quanto é central.

Apesar do apelo de Carl Rogers para que os pais dêem um amor incondicional a seus filhos, tal amor não está dentro das possibilidades deles nem das nossas. Só Deus pode amar incondicionalmente, e só Deus pode dar às pessoas humanas poderes para fazer o mesmo. De forma que todos nós crescemos em uma atmosfera de amor condicional. Somos e agimos de uma determinada forma, esperando ganhar amor, e é igualmente condicionado o nosso ato de dar amor. Premiamos aqueles que são bons para nós e punimos os que não o são. Esperamos ser recompensados por sermos amáveis e generosos, ao menos recompensados com gratidão, afeto ou uma boa reputação. Na verdade, ficamos profundamente ofendidos quando nossas "boas ações" não são retribuídas ou são incompreendidas. Não conhecemos nenhum outro modo de ser até que encontramos alguém que parece amar incondicionalmente, e mesmo com ele, suspeitamos de segundas intenções. É esta definitivamente a razão de acharmos tão difícil acreditar que Deus realmente nos ama de antemão, ou seja, sem antes nos pedir para colocar a casa em ordem. Estamos muito pouco acostumados a receber sem ter feito algo para merecê-lo ou sem ficar com a expectativa de ter que dar algo em troca.

Mesmo depois que chegamos a acreditar, ainda que parcialmente e só por alguns momentos, no amor incondicional de Deus, defrontamo-

nos com uma resistência nova e talvez mais forte, quando o desejo de amar como Jesus ama, cria raízes profundas em nossos corações. Jesus, afinal de contas, ama como Deus ama, incondicionalmente. Conseqüentemente, pensamos, ele não espera retorno. Deus já é a sua parcela. Podemos viver dessa forma? Algo semelhante ao terror golpeia o coração. Desejar amar como Jesus ama parece significar desejar estar só com o Solitário, não querer recompensa outra que não Deus. Há uma tentação aqui, bem sutilmente escondida em um núcleo de verdade. Para ver onde ela reside, tentarei ser concreto, usando um exemplo fictício, composto de várias experiências.

Joe é um religioso de quarenta e cinco anos, leciona em universidade e mora com quinze outros religiosos. Em seu ano sabático, faz um retiro dirigido de trinta dias e está no ponto que estamos discutindo. Quando aflora pela primeira vez o desejo consciente de amar como Jesus ama, Joe está fortemente inclinado a se oferecer como voluntário para uma perigosa missão na América Central, conduzida por sua ordem. Imagina-se desistindo de tudo, para viver e trabalhar com os oprimidos. É certo que sente alguns temores que contudo, não o impedem de oferecer-se a Deus. Quando sai andando, imagina-se andando junto a Jesus e seus discípulos enquanto Jesus prediz a sua paixão. Sente-me muito próximo a eles e percebe o quanto Jesus o ama e aos outros. Jesus conhece suas limitações e fraquezas, mas realmente quer sua companhia e ami-

zade. Joe lembra de seus amigos da ordem e do quanto ele gosta de sua companhia. Joe diz a Jesus que quer amar como ele ama e quer sofrer com ele na América Central. O período de oração o deixa entusiasmado, embora um tanto inquieto.

Na próxima vez que ele reza, volta à mesma cena. Nessa hora, a discórdia entre os discípulos quanto ao assunto em pauta, rouba a sua atenção, e ele sente raiva deles e pena de Jesus. Seus próprios amigos lhe vêm à cabeça, mas agora ele sente um certo ressentimento em relação a eles. Eles gostam de se encontrar com Joe, mas é Joe quem tem que tomar a iniciativa e convidá-los; parece que eles nunca o chamam espontaneamente, ou quase nunca. Ele não pode afastar o ressentimento; de fato, à medida que reflete nos períodos posteriores de oração, percebe que, depois que o ressentimento por seus amigos emergiu, mal prestou atenção a Jesus. Ocupou-se de inúmeras conversas com amigos ou consigo mesmo em torno de seu ressentimento. Mesmo agora, os pensamentos continuam atormentando-o. "Talvez eles preferem se reunir sem mim". "Bem, Jesus também não recebeu muito de seus ditos amigos". "Se eu apenas continuar tomando as iniciativas, não estarei de certa forma, tratando-os como inferiores?" "A amizade não significa mutualidade?" Estes e outros pensamentos passam por sua cabeça. Aí ele se lembra que pediu a graça de amar como Jesus amou e diz a si mesmo: "Então é isso, eu prossigo com meus amigos sem

esperar qualquer reciprocidade. Jesus morreu só e sem amigos, dependendo apenas de Deus. Eis o que Deus quer de mim. Parece terrivelmente solitário, mas se é isso que precisa para amar como Jesus ama, não voltarei atrás em minha promessa. Afinal de contas, quando nós morrermos, não teremos outro em quem confiar senão Deus”.

Joe fala à sua diretora, a respeito do dia e da reflexão sobre o que significa amar como Jesus ama. A diretora percebe que a voz de Joe está excitada e até mesmo alegre, enquanto fala do primeiro período de oração, mas torna-se um tanto austera e determinada enquanto descreve o segundo, especialmente quando fala de sua reflexão. A diretora também percebeu que, ao descrever o segundo período de oração e suas conseqüências, Joe não mencionou nenhuma vez, ter falado com Jesus ou lhe ter perguntado como ele se sentia em relação a seus “amigos”. Ela gentilmente expõe suas observações e pergunta a Joe como ele se sente amando como Jesus ama. À medida que fala, ele se resente sempre mais de sua situação. “Se eu continuo a tomar a iniciativa em nossos encontros, eles nem mesmo perceberão. Irei lá para a América Central e ninguém ligará”. Lembra-se de ter sentido raiva por Deus ter pedido tanto a Jesus e agora a ele. Não está mais tão seguro de que deseja amar como Jesus ama.

O que está acontecendo aqui? Antes de mais nada, Joe entrou em uma cena em que lhe pedem que seja um “herói”. Há algo de herói-

co em ir como voluntário à América Central, e de uma certa forma Joe regozija-se com o esperado crédito que sua ação teria em sua ordem. Além do mais, quando ele se imagina na América Central, é ele quem dá e não pensa em receber nada de ninguém. Em outras palavras, a motivação de Joe não é tão sincera quanto pensa. Isto não é de se espantar; afinal, Joe é apenas humano. O Senhor nos tem que levar à frente através de uma motivação confusa. A purificação da alma vem com o processo.

Aqui o processo conduz ao aparentemente trivial incidente do ressentimento de Joe por seus amigos. Dada a enormidade dos problemas mundiais e as dificuldades realmente sérias que as pessoas enfrentam, Joe parece estar tocando violino enquanto Roma pega fogo. Todavia, é de tais trivialidades que nossa vida espiritual é feita. Mesmo aqui, Joe se vê em um papel de “herói”. Notem como interpreta agora a relação entre Jesus e seus discípulos. Eles não são “verdadeiros” amigos; Jesus nada ganha com sua ligação com eles. E Joe agora interpreta suas próprias amizades do mesmo modo, e vê-se solicitado a continuar dando a eles. Ele e Jesus são os “heróis” solitários que dão a qualquer preço, e que nada esperam de ninguém, a não ser Deus.

Há uma semente de verdade na visão de Joe. Jesus realmente ama como Deus ama, incondicionalmente, e no final só conta com o Senhor. Mas isso não significa que

nada recebe daqueles que ama. A chave da questão é que o retorno não pode ser condição para a dádiva. Afinal, Jesus chama seus discípulos de amigos, inclusive na Última Ceia. Além do mais, alguns de seus amigos e sua mãe ficaram com ele até o amargo final. Jesus foi e é amado por muitas pessoas ao longo da história do Cristianismo, e esta é uma retribuição ao seu amor incondicional. Então Joe se esquece que lhe agrada a companhia de seus amigos; ele sabe que eles realmente o amam e apreciam. Antes de surgir o ressentimento, Joe os associava à imagem de si mesmo e dos discípulos em torno de Jesus, e sentia o quanto Jesus era feliz por tê-los todos como companheiros. Querer amar como Jesus ama não significa desejar amar sem impor condições à dádiva do amor. No caso de Joe, significa a disposição de continuar tomando a iniciativa nos encontros com seus amigos, de lhes falar honestamente sobre seu ressentimento, ou pelo menos, a disposição de pedir a graça de ser capaz de amar dessa forma. É um engano pensar que amar como Jesus ama significa não receber nenhum amor humano em troca. Talvez a pessoa seja abandonada por todos os amigos se se tornar igual a Jesus, mas não há certeza alguma disso. Acreditar que haja esta certeza é um engano. Aqui temos, acredito, um claro exemplo do que Inácio chama de o espírito mau assumindo "a forma de anjo da luz".

Mesmo quando Joe é ajudado a ver o que está acontecendo, não

lhe é fácil pedir a graça de amar como Jesus ama. Ele ainda pode recusar-se diante da falta de um certo retorno. Ou ainda pode ressentir-se do "altruísmo" a que é chamado. Precisa de ajuda para agüentar firme e não ficar desencorajado ou exigente consigo mesmo. Aqui a idéia de Inácio de pedir o desejo, é muito útil. Mesmo que ele seja muito ambivalente para amar como Jesus ama, pode ser capaz de pedir a Jesus para atiçá-lo o desejo, para purificar mais suas motivações; para ajudá-lo a conhecer melhor como Jesus pôde viver sua vida tão propositada e plenamente.

É muito comum nesse ponto, perdermos as esperanças de jamais mudarmos. Joe pode ver que foi mais feliz, mais realizado, mais vivo quando se viu capaz de chegar perto de amar como Jesus, de forma que lhe soa quase como diabólico o fato de não conseguir pedir sinceramente pela graça de amar daquele jeito. Como ressaltai no artigo sobre resistência à união, é um paradoxo que resistamos àquilo que representou uma experiência agradável. Podemos ajudar Joe (e o Joe dentro de nós) mantendo o senso de humor em relação aos paradoxos da motivação humana e especialmente das aparentes inaniidades que afloram quando nos permitimos aproximar-nos de Deus. Parece que, como Jerusalém, não sabemos mas ao mesmo tempo sabemos o que é para nós a paz.

---

(Continua na 3ª capa, ao lado)

---



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299  
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ  
1 de junho de 1989

A **Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)** realizará, em São Paulo, SP, nos dias 24 a 28 de julho de 1989, sua XV Assembléia Geral Ordinária (AGO). A AGO reúne, de três em três anos, todos os Superiores Maiores, ou seja, Superiores Gerais, Provinciais e seus equivalentes com Religiosos que vivem e trabalham na Igreja no Brasil. É **um acontecimento vitalmente expressivo** para qualquer Congregação e Província e, também, para todo Religioso individualmente.

Nem por isso a CRB tem, em nível jurídico-canônico, autoridade sobre as Congregações e as Províncias e seus membros. Tem-na, todavia, em outra perspectiva. Sempre **terá autoridade quem pode apresentar legitimidade e a melhor causa a seu favor**. Se pudesse, faria um comentário abrangente sobre esta alegação. Contudo, o que se ganharia na panorâmica, perder-se-ia na limpidez. E, ademais, há respostas que, paradoxalmente, apontam apenas um detalhe mas franqueiam a visão do todo porque um detalhe revelador. **Pelo dedo se pode conhecer o gigante**. Um detalhe revelador da autoridade da CRB sobre Pessoas, Províncias e Congregações são, por exemplo, seus **CURSOS**. Cito dois: o Centro de Estudos Teológicos e de Espiritualidade para a Vida Religiosa (**CETESP**) e o Centro de Renovação Espiritual (**CERNE**).

O CETESP e o CERNE, cada um a seu modo, são **centros de excelência**. Centros de excelência existem em qualquer parte do mundo onde se aposta realmente no futuro. O igualitarismo total, em educação, é uma ficção inútil e cara, um cacete perfeitamente dispensável. Equivale a querer vestir todas as pessoas, magras e gordas, com a mesma roupa. **A idéia de excelência corporificada no CETESP e no CERNE** precisa ser aproveitada sempre mais para que a Vida Religiosa não se estacione num contexto anacrônico e medíocre com a prevalência das sombras sobre a luz. O **CETESP** e o **CERNE** funcionam como uma janela que se abre. Respira-se uma golfada de sangue novo oxigenante com a claridade solar que entra e muda a qualidade do ar de todo o ambiente.

**A CRB é inigualável ponto de encontro, de diálogo e de aglutinação de interesses comuns** para os Superiores e os Religiosos do Brasil. Mas não é uma instância hierárquica, de governo e de ensino, acima das Congregações e Províncias, nem intermediária entre elas e os respectivos Religiosos. **A CRB, porém, exerce nítida liderança** sobre os Religiosos e as Religiosas nestes dois sentidos: primeiro, como guia, mostra o caminho a seguir e, segundo, dá forma e sentido ao pensamento que desejamos ter. Frequentando os CURSOS que a CRB organiza e mantém, lendo o que ela edita, o Religioso percebe que ela **diz o que ele gostaria de dizer e ratifica o que ele quer viver**.

Deste ponto de vista, as **Equipes de Reflexão** (Educação, Formação, Inserção, Psicologia, Saúde, Teologia) são pólos insubstituíveis na paisagem e nas preocupações da CRB. Há uma íntima relação entre o atacado e o varejo institucional da CRB e suas Equipes de Reflexão. Com elas, a CRB se garante estar na órbita própria de seus destinos, seus altos compromissos de **animar e promover a VR e coordenar as atividades que objetivam este fim**. Nesta postura clássica, as EQUIPES são a mediação primeira da CRB. Sob momentos e níveis dialéticos e diferenciados, elas pensam o momento que vai fluindo à sua volta. Consideram os problemas, as urgências, os desafios. Mapeiam a caminhada. Querem captar, compreender e julgar cada passo. Elaboram conceitos e fundamentam princípios que respondem às interrogações da inteligência. Aceleram o processo de busca de soluções aceitáveis. Desvelam o NOVO e revelam seu encadeamento com o conjunto. Afinal, transmitem o saber em transformação. Momentos e níveis dialéticos e diferenciados que não se opõem nem se confundem.

A reunião dos **700 Superiores Maiores** do Brasil é uma respeitável Assembléia. A lógica de todos e de cada um é única: assimilar o desígnio de Deus para a vida e a atividade de cada Religioso e fazer dele a razão de ser delas. Por isso, **é indispensável a oração**. Religioso, ore conosco pelos Superiores Maiores do Brasil reunidos em Assembléia. Obrigado.

Desejando-lhe toda paz e todo bem, sempre ao seu inteiro dispor, com renovada estima e fraterna amizade, inscrevo-me,

atenciosamente

**PE. MARCOS DE LIMA, SDB**  
Redator-Responsável  
Convergência e Publicações CRB